

Cadernos *Teologia
Pública*

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (on-line)

Ano XX | Número 175 | Volume 21 | 2024

**Mulheres, Igreja, Sinodalidade.
Esperanças e expectativas**

Maria Cristina S. Furtado, Alzirinha Souza, Ivenise T. Gonzaga Santinon,
Maria Inês de Castro Millen e Maria Clara Lucchetti Bingemer

Cadernos *Teologia
Pública*

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (on-line)

Ano XX | Número 175 | Volume 21 | 2024

**Mulheres, Igreja, Sinodalidade.
Esperanças e expectativas**

Maria Cristina S. Furtado

Alzirinha Souza

Ivenise T. Gonzaga Santinon

Maria Inês de Castro Millen

Maria Clara Lucchetti Bingemer



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos Teologia Pública é uma publicação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz
ihu.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública

Ano XX – Vol. 21 – Nº 175 – 2024

ISSN 1807-0590 (impresso) | ISSN 2446-7650 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

Conselho editorial: MS. Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; MS. Guilherme Tenher Rodrigues; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Ana Maria Formoso (Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso, doutora em Educação); Christoph Theobald (Faculdade Jesuíta de Paris - Centre Sèvres, doutor em Teologia); Faustino Teixeira (UFJF-MG, doutor em Teologia); Felix Wilfred (Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia); Jose Maria Vigil (Associação Ecmênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação); José Roque Junges, SJ (Unisinos, doutor em Teologia); Luiz Carlos Susin (PUCRS, doutor em Teologia); Maria Inês de Castro Millen (CES/ITASA-MG, doutora em Teologia); Peter Phan (Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia); Rudolf Eduard von Sinner (PUCPR, doutor em Teologia).

Responsáveis técnicos: Cleusa Maria Andreatta e Guilherme Tenher Rodrigues.

Revisão: Isaque Gomes Correa

Imagem da capa: PxHere

Projeto Gráfico: Ricardo Machado

Editores: Guilherme Tenher Rodrigues

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 20. Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>. Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021). ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

INTRODUÇÃO

O Sínodo sobre a Sinodalidade prepara-se para realizar sua segunda sessão em outubro de 2024. Ali serão debatidos os frutos da escuta feita universalmente em clima de diálogo no Espírito, discernimento, transparência e tomada de decisões.

Muitos serão os temas discernidos na sessão sinodal. Um deles, que tem repercutido no mundo inteiro, é a participação das mulheres na comunidade eclesial com mais protagonismo, visibilidade e acesso a cargos onde se tomam as decisões.

Uma Igreja que deseja ser sinodal não pode descurar essas que, além de constituírem metade da humanidade, são parte da Igreja e mesmo maioria nas comunidades.

Esse pequeno volume quer trazer as vozes de algumas mulheres teólogas que refletem sobre suas esperanças e expectativas quanto ao Sínodo que acontece já há dois anos e se prepara para celebrar sua segunda sessão no próximo mês de outubro.

São elas: Maria Inês Millen (ISTA de Juiz de Fora), Alzirinha Souza (PUC Minas), Ivenise Santinon (PUC-Campinas), Maria Cristina Furtado (PUC Minas) e Maria Clara Bingemer (PUC-Rio).

Que as vozes dessas mulheres possam somar-se a muitas outras que ressoam pelo mundo desejando e esperando uma Igreja sinodal.

Papa Francisco – as mulheres – e o sínodo

Pope Francis – Women – and the Synod

Maria Cristina S. Furtado

Doutora em teologia sistemática pela PUC-Rio

Resumo: Este artigo mostra um pouco da trajetória do Papa Francisco, em relação às mulheres, do início de seu pontificado até 2024. Contém palavras, preocupações, gestos, importantes documentos, e decisões tomadas, mostrando as modificações que o Pontífice tem feito sobre esta questão, na Igreja Católica. Desde o início, em 2013, ele se mostrou preocupado com as mulheres na Igreja, e simpático às suas reivindicações. Da exaltação às mulheres, e conscientização sobre a importância feminina na Igreja, Francisco passou a publicar documentos, como a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia* (2016), onde abordou entre outros temas, a violência contra a mulher. A partir daí, solicitou estudos sobre o ministério diaconal, deu

início a colocação de mulheres em postos decisórios, e como participantes do Sínodo (2023-2024). Junto com isso, as mulheres continuam na luta pelo seu espaço e voz, e enfrentando muitas dificuldades. Durante o seu pontificado, o Papa Francisco tem recebido reações positivas, e muitas contrárias, e ainda, os que não dizem nada, mas não atendem às suas solicitações. Ainda há muita coisa para ser modificada, para que talvez um dia, haja um “discipulado” mais próximo, “de iguais”. Mas tudo indica que o Papa Francisco começou uma revolução, que se depender dele, não haverá retrocesso.

Palavras-chave: Mulheres. Luta. Voz. Violência contra a mulher. Espaço, Consciência.

Abstract: This article shows a little of the path taken by Pope Francis, in relation to women, from the beginning of his pontificate until 2024. It contains words, concerns, gestures, important documents, and decisions that have been taken, showing the changes that the Pontiff, has made, on this issue, in the Catholic Church. From the beginning, in 2013, he has been concerned about women in the Church, and sensitive to their demands. From the exaltation of women, and awareness of the importance of women in the Church, Francis began to publish documents, such as the Post-Synodal Apostolic Exhortation *Amoris Laetitia* (2016), where he addressed, among other topics, violence against women. From then on, he has requested studies on the diaconal ministry, began placing women in decision-making roles, and as participants, in the synod (2023-2024). Along with this, women continue to fight for their space and voice, and face many difficul-

ties. During his pontificate, Pope Francis has received many positive reactions, but also opposition, and there are still those who remain silent and do not respond to his requests. There is a lot to be modified, so that there can be, perhaps one day, a closer “discipleship” “of equals”. However, everything indicates that Pope Francis has started a revolution, and that if it depends on him, there will be no going back.

Keywords: Women. Struggle. Voice. Violence against women. Space. Consciousness.

INTRODUÇÃO

A Igreja é “Mulher”. Devemos “desmasculinizá-la”

(Papa Francisco)¹

Desde que o Papa Francisco começou o seu pontificado em 2013, ele tem feito diversas modificações na Igreja Católica no que diz respeito às mulheres. Entretanto, ele também enfrenta grandes dificuldades, porque qualquer mudança nesta questão esbarra nos preconceitos, que, em sua maioria, procuram ser justificados por algumas passagens bíblicas e na Tradição da Igreja.

O primeiro, as próprias mulheres, ao entrarem nas faculdades de teologia após o Concílio Vaticano II, tornando-se teólogas, mostraram através de suas produções científicas que as justificativas bíblicas, na realida-

1 Vatican News (2023).

de, eram leituras e interpretações androcêntricas que por anos foram usadas para colocar as mulheres como subordinadas e pecadoras.

Hoje, encontramos as mulheres tanto nas graduações como nas pós-graduações em teologia, nas ciências das religiões, nos cursos de teologias pastorais, mestrados e doutorados. Dessas mulheres, muitas têm os seus talentos desperdiçados por não conseguirem que os seus conhecimentos e potenciais sejam aproveitados devido a alguns problemas que o próprio Papa Francisco tem apontado, como o androcentrismo e o clericalismo na Igreja. Mas as que conseguem ser reconhecidas têm assumido importantes espaços como professoras, coordenadoras, diretoras, assessoras. Estas têm demonstrado a sua importância para uma Igreja em saída, como o Papa Francisco proclama, ao procurar nomear para diferentes cargos mulheres de diversas partes do mundo.

São muitas as palavras, preocupações, documentos e ações importantes de Francisco em relação às mulheres que trataremos neste ensaio. Refletiremos sobre elas, sobre as reações positivas e negativas e sobre as dificuldades que as mulheres ainda enfrentam pelos que não seguem as orientações do papa. Também procuraremos pensar sobre o que se faz necessário para virmos a chegar mais perto de um ‘discipulado de iguais’, com as mulheres sendo respeitadas, e com direito de disputar cargos em igualdade de condições, e até os ministérios principais.

1 PAPA FRANCISCO E AS MULHERES

1.1 PRIMEIRA PARTE (2013 A 2015)

Quando o Papa Francisco em 19 de março de 2013 começou o seu pontificado, mostrou-se interessado no tema das mulheres na Igreja Católica. Já na segunda audiência geral do seu pontificado, ele disse: “As primeiras testemunhas da ressurreição são as mulheres. E isso é bonito. E este é um pouco a missão das mulheres”.² Em outra ocasião, referiu-se a elas dizendo que “não é possível uma Igreja sem mulheres ativas, pois a Igreja é feminina, é esposa, é mãe”.³ E solicitou uma teologia aprofundada da mulher.

Em 2014, no Festival da Família, ele abordou as dificuldades e fadigas das mulheres que não têm os seus direitos reconhecidos. Falou ainda que a mulher não deveria ser forçada a trabalho pesado devido a exigências econômicas.

Em 2015, o papa chamou atenção para o fato de que as mulheres são as principais responsáveis pela transmissão da fé, mostrando que quem nos trouxe Jesus foi uma mulher. “Ele quis ter uma mãe: até o dom da fé passa pelas mulheres, como Jesus por Maria”.⁴ Ainda no mesmo ano, em um discurso para a Plenária do Dicastério da Cultura, o papa afirmou que as mulheres não devem se sentir hóspedes, mas plenamente participantes das várias esferas da vida social e eclesial. Nesta ocasião, ele também reconheceu a urgência do desafio de oferecer espaços às mulheres na vida da Igreja e da necessidade de um maior envolvimento

2 Gisotti; Silvonei (2018, s.p.).

3 Gisotti; Silvonei (2018, s.p.).

4 Gisotti; Silvonei (2018, s.p.).

delas nas responsabilidades pastorais. Neste mesmo discurso, o pontífice denunciou a mercantilização do corpo feminino e as muitas formas de escravidão a que as mulheres são submetidas. Por fim, fez um apelo para que fosse promovida a reciprocidade, a fim de se vencer a subordinação.

É importante notar que o Papa Francisco levou algum tempo mostrando claramente a importância da mulher, mas não houve nenhuma ação concreta dele em relação à mulher. No relatório final da XIV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos sobre ‘A vocação e a missão da família, na Igreja e no mundo contemporâneo’, realizada em outubro de 2015, o Papa Francisco não sugeriu modificações de cunho doutrinário, porém reforçou a linha pastoral, de acolhida, respeito e interesse. No n. 27 do documento, houve uma pequena mas importantíssima reflexão sobre a valorização da mulher pela Igreja e como isto poderia interferir na forma como a sociedade a percebe. Assim diz:

Uma maior valorização da responsabilidade das mulheres na Igreja pode contribuir para o reconhecimento social do seu papel determinante: a sua intervenção nos processos decisórios, a sua participação no governo de algumas instituições, o seu envolvimento na formação dos ministros ordenados.⁵

1.2 SEGUNDA PARTE (2016 A 2017)

Em 2016, começou a haver uma mudança. Junto com as palavras, surgiram pequenas ações e, depois, ações maiores que surpreenderam e continuam surpreendendo. Primeiro, como resposta ao caminho sinodal, realizado nos dois sínodos anteriores, em 19

5 XIV Assembleia Geral Ordinária (2015).

de março de 2016, foi publicada a exortação apostólica pós-sinodal *Amoris laetitia*. Nesta exortação, as colocações foram, em sua maioria, generalizadas, mas procuraram dar uma positividade ao que estava sendo dito, trazendo sua preocupação em buscar soluções pastorais, ampliar e incentivar a tomada de consciência dos fiéis.

Em relação à mulher, *Amoris laetitia* registra que, apesar do reconhecimento dos direitos delas e sua participação nos espaços públicos, é necessário avançar muito em inúmeros países. Aborda a violência contra a mulher, a violência doméstica, as diversas formas de escravidão e a violência verbal, física e sexual, citando a mutilação genital, além da desigualdade de acesso a postos de trabalho dignos e aos lugares onde as decisões são tomadas. Este importante documento se refere também ao fato de a “história carregar os vestígios dos excessos das culturas patriarcais, onde a mulher era considerada um ser de segunda classe, e recorda o ‘aluguel de ventres’ ou ‘a instrumentalização e comercialização do corpo feminino, na cultura midiática contemporânea’”.⁶

Em agosto de 2016, o papa criou a Comissão de Estudo sobre o Diaconato Feminino.⁷ Segundo ele, disseram-lhe sobre evidências que mostram a presença de diáconas nos primeiros séculos da Igreja, e seria preciso pesquisar os detalhes. Para ele, a entrada de mulheres no diaconato seria uma forma de elas começarem a se inserir na hierarquia própria do Sacramento da Ordem. O diaconato é considerado o primeiro grau deste sacramento.

6 Papa Francisco (2016, n. 54).

7 Agência Brasil (2016).

Entretanto, em 2019, esta comissão entregou ao papa a conclusão de seus estudos, afirmando que é necessário aprofundar ainda mais a questão, antes dele fazer um decreto sacramental que tenha fundamento teológico-histórico.⁸ Segundo Phyllis Zagano, membro da comissão e professora da *Hofstra University*, nos Estados Unidos, existem bispos e cardeais contrários, e outros favoráveis, em grande parte vindos da América Latina e Central. Dessa forma, não era possível tomar uma decisão que não se aplicasse à Igreja universal. “Posso imaginar que uma decisão para Igreja universal seja aplicada pelas Conferências episcopais individuais e, portanto, pelos bispos individuais”.⁹

A exaltação às mulheres e a importância do seu papel na Igreja e na sociedade continuaram. Em 2017, o papa afirma que “só a força das mulheres é capaz de resistir a uma colonização cultural e ideológica”. E ele ainda aborda a capacidade feminina de defender a transmissão da fé e passar para as crianças os valores autênticos, salvando-as das doutrinações existentes.¹⁰

Aos poucos o magistério de Francisco foi se tornando rico de gestos significativos. O lava-pés feito pelo papa foi estendido às mulheres, ele passou a visitar as prisões femininas e houve a criação de uma nova comissão sobre o diaconato de mulheres, como também o início da nomeação de mulheres para cargos importantes no Vaticano, como a da teóloga Anne-Marie Pelletier, para autora das meditações para a Via Sacra.¹¹

8 Zagano (2019).

9 Zagano (2016).

10 Papa Francisco (2017).

11 Vatican News (2018).

1.3 TERCEIRA PARTE (DE 2021 A 2024)

Em 11 de janeiro de 2021, o Papa Francisco deu mais um passo para ampliar as funções das mulheres na Igreja Católica Romana. Ele surpreendeu a todos ao alterar o Cânon 230, § 1º do Código de Direito Canônico, para permitir oficialmente que as mulheres atuem como leitoras em liturgias, distribuidoras de comunhão e prestem serviços no altar. De acordo com o papa, essa decisão foi tomada após profunda reflexão teológica. Muitos bispos tinham lido que a mudança era necessária para responder às “necessidades dos tempos”,¹² afinal há muito tempo, em diferentes lugares do Brasil e em outras partes do mundo, as mulheres já assumiam estas funções, embora não oficialmente.

Apesar dessa decisão ter sido vista por muitos como necessária e até ter vindo atrasada, na realidade ela foi muito criticada pelos conservadores e festejada pelos progressistas. De acordo com o doutor e mestre em Teologia Dogmática, Antônio José de Almeida, as mulheres agora podem ser instituídas em ministérios. Isto não significa serem ordenadas, pois são ministérios diferentes. Entretanto, para alguns canonistas, o impedimento legal foi removido e simbolicamente isto é muito importante. Para os progressistas foi mais um passo para as mulheres virem a assumir os ministérios principais, já que pelo batismo homens e mulheres cristãs são iguais em dignidade. No entanto, para os grupos mais conservadores, a decisão de Francisco gerou contrariedade e a discussão sobre a ordenação das mulheres continua fora da pauta.¹³

12 Pullella (2021, s.p.).

13 Almeida (2021).

Em 2022, entrou em vigor uma nova constituição para a administração central da Santa Sé, a qual permite que qualquer católico batizado, incluindo leigos e leigas, lidere a maioria dos departamentos do Vaticano. E em 2 de julho, em uma entrevista exclusiva à Reuters, o Papa Francisco lembrou que no ano anterior havia nomeado a Irmã Raffaella Pretini para o cargo número dois no governo da Cidade do Vaticano. Ela havia se tornado a mulher de mais alto escalão, no menor Estado do mundo. Anunciou ainda que pela primeira vez na história do Vaticano duas mulheres seriam nomeadas para um comitê que o ajudaria a selecionar bispos para a Congregação para os Bispos.¹⁴ Em outubro do mesmo ano, durante uma conferência em Paris sobre como o empoderamento feminino funciona para quebrar barreiras e propor um caminho feito de ações concretas e sinergias criadas entre as organizações e outras partes interessadas, o Papa Francisco tuitou: “Às mulheres devem ser confiadas funções e responsabilidades maiores”.¹⁵ Ele destacou que a presença delas no centro das decisões poderia evitar opções de morte.

Em abril de 2023, o Papa Francisco publicou um documento convocando 70 pessoas, entre elas padres, religiosas, diáconos e leigos católicos, para participarem das conferências episcopais nacionais que aconteceriam, no Sínodo, em outubro de 2023 e em 2024.¹⁶ Destes, 50% seriam mulheres e muitas teriam direito a voto. Isto significa que, pela primeira vez, as mulheres poderiam votar no Sínodo dos Bispos, um dos principais eventos da Igreja Católica. Antes dessa mudança, apenas homens podiam votar. Com essa medida, cinco religiosas se juntaram a cinco padres como represen-

14 Agência Brasil (2022).

15 Vatican News (2022, s.p.).

16 CNN Brasil (2023).

tantes votantes de ordens religiosas, e outras 35 mulheres ligadas à Igreja também passaram a ter direito de voto. Sem dúvida, esta decisão mostra a visão do papa de que fiéis, leigos e leigas, devem assumir um papel maior nos assuntos da Igreja.

Finalizando a trajetória do Papa Francisco em relação às mulheres, é importante citar que ele voltou a mostrar sua preocupação com a violência contra as mulheres quando, na declaração “*Dignitas infinita sobre a dignidade humana*”, em 2 abril de 2024, foi citado o tráfico de pessoas humanas, a exploração sexual de crianças e de mulheres, o trabalho escravo, a prostituição, os abusos sexuais, a violência contra as mulheres, a violência doméstica, entre eles, o estupro, o feminicídio e o aborto como ações que deturpam a humanidade da vítima, ofendem sua liberdade e dignidade e de quem a pratica.¹⁷

Em novembro de 2023, o papa falou da necessidade de se desmasculinizar a Igreja e, em fevereiro de 2024, a seu convite, três mulheres participaram de uma reunião do Conselho de Cardeais com o propósito de refletir sobre a dimensão feminina da Igreja: Sor Linda Pocher, Giuliva Di Berardino e Bailey Wells, bispa anglicana, vice-secretária geral da Comunhão Anglicana. O fato de uma delas fazer parte do clero oficial anglicano, para alguns observadores, tornou esta reunião um fato histórico e um aceno para aqueles que, dentro do catolicismo, apoiam a ordenação de mulheres.¹⁸ Mais tarde, ao nomear os consultores da Secretaria Geral do Sínodo de 2024, o papa convidou três homens e três mulheres. As mulheres foram: a Rev.^a Irmã Birgit Weller, a Prof.^a Dr.^a Tricia C. Bruce e a brasileira Prof.^a Dr.^a

¹⁷ Papa Francisco (2024, DI 41-47).

¹⁸ Estado de Minas Internacional (2024).

Maria Clara Lucchetti Bingemer.¹⁹

Em outubro de 2024 acontecerá a segunda etapa do Sínodo, e na pauta está um tema que trouxe intenso debate durante a Assembleia Sinodal de outubro de 2023: o diaconato feminino. No Conselho de Cardeais, segundo a Irmã Linda Pocher, responsável pela coordenação deste trabalho, foi reconhecido como urgente analisar a possibilidade de haver este diaconato e como ele poderia ser aberto às mulheres. Entretanto, em abril de 2024, Francisco, em entrevista à rede televisiva americana CBS, respondeu negativamente à possibilidade de mulheres virem a ser diáconas com ordens sagradas.²⁰

Será que isto significa fechar as portas? Isso parece incoerente com as suas ações. O que o papa quer dizer? Tudo indica que até o início do Sínodo surgirão mais novidades, críticas e mais alguns passos importantes serão dados. E o Sínodo trará novidades?

2 A MULHER E A IGREJA CATÓLICA

Por séculos, a mulher foi colocada, através das justificativas bíblicas de interpretações androcêntricas, como pecadora e vista como inferior, o que provocou o silenciamento das vozes femininas. Entretanto, apesar de invisibilizadas, elas sempre tiveram participação ativa na Bíblia, nos feitos históricos e, mais tarde, na produção teológica e lideranças comunitárias. Igualmente, as mulheres sempre lutaram para quebrar tabus e conquistar os seus espaços.

Quando o Concílio Vaticano II (1962-1965) deu

19 Vatican News (2024).

20 Senneville (2024).

permissão para que leigos, jovens, mulheres e adultos participassem de seus centros de estudos, mesmo com o Papa João Paulo II (1975) afirmando ser impossível que as mulheres atingissem ao ministério presbiteral, as mulheres católicas foram para as faculdades de teologia e, inspiradas pelo movimento feminista e na espiritualidade do Deus libertador, da Teologia da Libertação, elaboraram a teologia feminista. Passaram a ter uma ampla produção teológica, com novas hermenêuticas teológicas e interpretações bíblicas ligadas a gênero. Nas faculdades de Teologia ou de Ciências da Religião, além de estudar, muitas tornaram-se professoras, coordenadoras e ocuparam e continuam a ocupar os lugares que, com muita luta, vêm conquistando.²¹

Segundo Elizabeth Schüssler-Fiorenza, “a intuição básica de todas as teologias da libertação, incluindo a teologia feminista, foi o reconhecimento de que toda teologia quer queira quer não, é, por definição, comprometida em favor ou contra os oprimidos”.²² Sem dúvida, as teologias feministas ajudaram as mulheres a perceber que, para haver mudança, o caminho é a educação. Isto é algo tão fundamental quanto as leis que as mulheres precisam ter em sua defesa. De uma só teologia, podemos dizer que existem hoje várias teologias feitas por mulheres, que partiram da vida concreta, na atualidade, de mulheres discriminadas e descartadas. Estas teologias receberam os nomes de teologias feministas, teologia negra, teologia indígena, teologia das pessoas com deficiência e teologia LGBTQIAP+. Muitas são novas e ainda estão em formação, mas surgem com força e mostram a visão, a vontade e a coragem das mulheres.

21 Furtado (2022, p. 139-141).

22 Fiorenza (1995, p. 29).

Também nas comunidades eclesiais de base (CEBs), as mulheres formaram seus núcleos e passaram a atuar nas brechas que lhes eram concedidas. E nas Igrejas locais, as mulheres tornaram-se agentes pastorais, com muitas especializando-se, de modo a desenvolverem seus conhecimentos e favorecem a comunidade.

Como já vimos, desde o início o Papa Francisco vem trabalhando em prol da valorização da mulher. Ele a tem colocado em postos decisórios, com voto no Sínodo, e em outras ocasiões importantes. Um grupo significativo de teólogos, clérigos e leigos trabalham e apoiam a emancipação feminina e a igualdade de gênero. Infelizmente, muitos jovens candidatos ao ministério presbiteral rejeitam o protagonismo das mulheres, e temos ainda padres, bispos e cardeais que, apesar do esforço do Papa Francisco, tratam as mulheres como inferiores. Tratam-nas como crianças, coitadinhas, que não conseguem pensar por si mesmas, mas que são ótimas para lavar suas roupas, passar, lavar o chão etc.

O Papa Francisco tem criticado este modo de agir do clero e tem enfrentado muitas divergências neste sentido. Mesmo quando não há um enfrentamento direto, algumas decisões, por parte do clero, parecem mostrar resistência em aceitar a participação delas na Igreja. As reações negativas têm sido as mais diversas e vão desde críticas fortes, acusações de heresias até a atitude de não seguir o que sugere o papa.

Francisco tem demonstrado não ter intenção de retroceder, mas são ainda muitas as dificuldades que as mulheres enfrentam. A falta de voz e de espaço, para elas, continua na Igreja. Embora possuam vastas publicações, as teólogas ainda possuem pouca oportunidade de expor e de terem suas pesquisas lidas pela

grande maioria dos teólogos. Apesar do papa em seus documentos mostrar preocupação com a violência contra a mulher, inclusive em relação à violência doméstica, são raríssimas as pastorais ou os grupos para mulheres, nas igrejas, dedicados ao empoderamento, à conscientização, com atendimento e apoio às mulheres que sofrem violência, oferecendo-lhes uma rede de apoio, proteção e amor às mulheres e seus filhos.

Em muitos lugares as mulheres ainda são ignoradas e desrespeitadas por uma parte do clero. Cito aqui o fato que ocorreu no Brasil em 2024 numa universidade católica. Nela, o edital para novos docentes dava preferência à escolha de uma docente mulher e negra. Para grande surpresa, as três primeiras classificadas para a vaga foram mulheres negras e o escolhido, sem nenhuma explicação, foi o quarto classificado, um homem negro do clero. Como disse Gabriel Vilardi: “não ficaram claros os reais motivos que levaram a esta decisão [...] Não se discute a competência do escolhido, tampouco a legitimidade jurídico-canônica do Cardeal em proceder à escolha da forma com que se deu”.²³ Mas, pergunta Vilardi, “não seria a oportunidade ideal para seguir o exemplo e as exortações do Papa Francisco para desmasculinizar a Igreja, abrindo espaço para uma das mulheres classificadas?”²⁴ Infelizmente, isso não aconteceu.

No mesmo artigo, Vilardi chama atenção para o fato de que não houve reação das associações de teólogos e teólogas Brasil afora. Ninguém socorreu as três colegas injustiçadas. Houve um ensurdecido silêncio, temeroso de retaliações. Então, perguntou, “onde estão as vozes lúcidas e proféticas do laicato, da vida religio-

23 Vilardi (2024, s.p.).

24 Vilardi (2024, s.p.).

sa consagrada, dos intelectuais cristãos?” E afirmou:

[...] a tarefa de desmasculinizar a Igreja não é somente do Papa, mas de cada um dos batizados e batizadas. Se os profetas e as profetisas foram calados, que falem as pedras. Que a Divina *Ruah* possa agitar as águas de uma nova Igreja, onde as mulheres tenham voz, vez e lugar!²⁵

Na realidade, apesar do possível medo relatado por Vilardi, alguns coletivos femininos reagiram e denunciaram o acontecido. Uns em um tom mais agressivo, outros mais amenos. Entretanto, os coletivos femininos de teólogas e agentes pastorais femininos são muito novos, e suas vozes ainda tão pequenas que foram ignoradas, como de modo geral os gritos de socorro das mulheres sempre foram ignorados. Nem todas gritaram. Mas... muitas mulheres gritaram.

A meu ver, o Papa Francisco tem procurado fazer, em relação às mulheres, uma revolução na Igreja, com as mulheres sendo colocadas em lugares decisórios importantes. Se todo este movimento chegará a trazer modificações significativas, não sabemos.

É importante dizer que as mulheres nunca pararam de lutar para terem os seus espaços e suas vozes ouvidas na Igreja. E se o Papa Francisco diz valorizá-las e suas ações parecem mostrar que ele reconhece o valor feminino e a importância do que elas têm a dizer, deve-se também às próprias mulheres que sempre estiveram e continuam ativas, organizando-se, dentro e fora da Igreja, em diferentes movimentos, e a cada dia conseguindo mais vitórias em relação aos seus direitos.

Dentro da Igreja Católica são vários os movimentos de mulheres existentes. Uns mais independentes, 25 Vilardi (2024, s.p.).

como o Conselho Mundial de Mulheres Católicas (*Catholic Women's Council* ou CWC), onde sou uma das representantes brasileiras junto com a teóloga Ivenise Santinon; e outros mais ligados ao clero, como a União Mundial das Organizações Femininas Católicas. Ambos os movimentos trabalharam incansavelmente para que os bispos recebessem as suas reivindicações, de modo que fossem debatidas no Sínodo dos Bispos em outubro de 2023 e em 2024. Entre as mulheres teólogas, vários grupos também têm se formado. Cito duas redes das quais faço parte: a rede Teomulher, que existe desde 2018 e da qual sou uma das fundadoras; e a Rede Brasileira de Teólogas, cuja primeira reunião presencial aconteceu no fim de 2023 e já tem mais de 90 participantes.²⁶

Mesmo sendo novos, os coletivos de mulheres têm-se feito presentes. Concordando ou não, estes grupos apoiam, denunciam, lembram o que desejam. Eles apoiam o papa no que lhes é favorável, para que possam trabalhar em igualdade de condições para o Reino de Deus: um reino de amor, paz e justiça para todos, inclusive para as mulheres.

CONCLUSÃO

Há um longo caminho pela frente e muita mudança é necessária no que diz respeito às mulheres no Brasil, no mundo e na Igreja Católica. É visível a revolução que o Papa Francisco tem procurado fazer, ano após ano, no Vaticano. Vale aqui ressaltar que, apesar de promover a inclusão de mulheres em cargos e da Igreja Católica, as portas da ordenação sacerdotal continuam fechadas, e não se chegou a um acordo em

26 Furtado (2024).

relação ao ministério diaconal. As palavras do Papa em uma entrevista recente provocaram incertezas. Eu acredito, porém, que ele ainda venha a explicar melhor o que disse. Apesar dos obstáculos, estamos avançando.

Não sabemos o que nos trará a segunda parte do Sínodo de outubro de 2024. Acredito que, principalmente após esta assembleia, alguns passos a mais serão dados. A minha esperança é que, aos poucos, o Papa continue esta revolução, e as mulheres possam caminhar em direção da sua própria conscientização e da Igreja, da importância que possuem, e até, quem sabe, em um futuro não tão distante, possam vir a ser diáconas. Será?

Como diz o Papa Francisco: “Se não entendermos o que é uma mulher, o que é a teologia de uma mulher, nunca entenderemos o que é a Igreja. Um dos grandes pecados que cometemos foi ‘masculinizar’ a Igreja”.²⁷ Após essa afirmativa, finalizo com uma pergunta: será que algum dia conseguiremos desmasculinizá-la?

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. Papa cria comissão de estudo para incluir mulheres diaconisas. **Agência Brasil**. 2016. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2016-08/papa-cria-comissao-de-estudo-para-incluir-mulheres-diaconisas>.

AGÊNCIA BRASIL. Papa dará voz às mulheres em nomeação de bispos. Ele quer nomear mulheres para comitê do Vaticano. **Agência Brasil**. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2022-07/papa-dara-voz-mulheres-em-nomeacao-de-bispos>.

ALMEIDA, Antônio José de. Mulheres leitoras e acólitas: 27 Vaticano News (2023, s.p.).

Significado da mudança. **Instituto Humanitas Unisinos – UHU**. 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/606927-mulheres-leitoras-e-acolitas-significado-da-mudanca>. Acesso em: 10 abr. 2024.

CNN BRASIL. Papa Francisco permite que mulheres votem no Sínodo de Bispos. **CNN Brasil**. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/papa-francisco-permite-que-mulheres-votem-no-sinodo-de-bispos/>.

ESTADO DE MINAS INTERNACIONAL. **‘Desmasculinizar a igreja’**: quem são as mulheres convidadas pelo Papa Francisco para participar do Conselho de Cardeais. 2024. Disponível em: <https://www.em.com.br/internacional/2024/02/6802498-desmasculinizar-a-igreja-quem-sao-as-mulheres-convidadas-pelo-papa-francisco-para-participar-do-conselho-de-cardeais.html>

FIORENZA, Elisabeth Schüssler. **Discipulado de iguais**: uma eclesiologia feminista crítica da libertação. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

FURTADO, Maria Cristina S. Maria Cristina S. **A inclusão de todas/os/es. Uma leitura teológica da violência de gênero**: mulheres e LGBTQIA+. De Girard e Lévinas à ética da inclusão. Recriar: São Paulo, 2022.

FURTADO, Maria Cristina S. Mulheres, sociedade e a Igreja Católica Apostólica Romana. **Revista Teopraxis, Passo Fundo**, v. 40, n. 135, p. 33-41, jul./dez. 2023. Disponível em: <https://www.itepa.com.br/ojs/index.php/teopraxis/article/view/194/278>. Acesso em: 20 mai. 2024.

GISOTTI, Alessandro; SILVONEI, José. Francisco e o papel das mulheres na igreja. **Vatican News**. 2018. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-03/francisco-e-o-papel-das-mulheres-na-igreja.html>. Acesso em: 2 abr. 2024.

PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica Pós-sinodal *Amoris laetitia*. Sobre o amor na família. **Vaticano**. 2016, AL 54. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html. Acesso em: 26 mai 2024.

PAPA FRANCISCO. Meditações matutinas na Santa Missa ce-

lebrada na capela da Casa Santa Marta. A força das mulheres. **Vaticano**. 2017. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2017/documents/papa-francesco-cotidie_20171123_a-forca-das-mulheres.html. Acesso em: 10 abr. 2023.

PAPA FRANCISCO. Dicastério para a doutrina da fé. Declaração Dignitas infinita sobre a dignidade humana, DI 41-47. **Vaticano**. 2024. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_ddd_doc_20240402_dignitas-infinita_po.html#Conclus%C3%A3o. Pub. 2 abr. 2024.

PULLELLA, Philip. Em novo decreto, Papa Francisco autoriza mais funções para mulheres na igreja. **Notícias UOL**. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2021/01/11/em-novo-decreto-papa-autoriza-mais-funcoes-para-mulheres-na-igreja.htm>. Pub. 11 jan.2021. Acesso em: 9 maio 2024.

SENNEVILLE, Loup Besmond de. Papa Francisco descarta diaconato feminino. **Instituto Humanitas Unisinos - UHU**. 2024. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/639644-papa-francisco-descarta-diaconato-feminino>. Pub. 22 mai. 2024. Acesso em: 24 mai. 2024.

VATICAN NEWS. Francisco e o papel das mulheres na Igreja. **Vatican News**. 2018. Disponível em: <https://www.vatican-news.va/pt/papa/news/2018-03/francisco-e-o-papel-das-mulheres-na-igreja.html>. Acesso em: 20 abr. 2024.

VATICAN NEWS. Papa em tuíte: a mulher precisa ser mais respeitada e estar no centro das decisões. **Vatican News**. 2022. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2022-10/papa-francisco-tuite-mulheres-unesco-caritas-internacional-2022.html>. Acesso em: 20 abr. 2024.

VATICAN NEWS. Papa Francisco: a Igreja é mulher, devemos desmasculinizá-la. **Vatican News**. 2023. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-11/papa-audiencia-comissao-teologica-internacional-30-11-2023.html>. Acesso em: 19 abr. 2024.

VATICAN NEWS. Prof. Maria Clara Bingemer nomeada consultora da Secretaria Geral do Sínodo. **Vatican News**. 2024. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/>



news/2024-02/papa-nomeacao-consultores-secretaria-sinodo-maria-clara-bingemer.html. Acesso em: 23 mai. 2024.

VATICAN NEWS. Uma religiosa nas salas do poder da teologia. Artigo de Francine-Marie Cooper. **Vatican News**. 2024. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2024-05/sisters-project-australia-religiosa-presidente-instituto-catolic.html>. Acesso em: 23 mai. 2024.

VILARDI, Gabriel. O chamado para desmasculinizar a Igreja. Por que a hierarquia tem medo de professoras negras nas faculdades de teologia? **Instituto Humanitas Unisinos - UHU**. 2024. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/638157-o-chamado-para-desmasculinizar-a-igreja-por-que-a-hierarquia-tem-medo-de-professoras-negras-nas-faculdades-de-teologia-artigo-de-gabriel-vilardi>.

XIV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA. A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo. *In: Relatório Final do Sínodo dos Bispos ao Santo Padre Francisco*. Cidade do Vaticano, 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20151026_relazione-finale-xiv-assemblea_po.html. Acesso em: 2 mai. 2024.

ZAGANO, Phyllis. Sobre as mulheres diaconisas o Papa quer uma ampla discussão. **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**. 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/589247-phyllis-zagano-sobre-as-mulheres-diaconisas-o-papa-quer-uma-ampla-discussao>. Acesso em: 2 abr. 2024.

Maria Cristina S. Furtado



Maria Cristina S. Furtado. Doutora em teologia sistemática (PUC-Rio). Especialista em educação (PUCRS). Psicóloga (CNP-BH). Professora na pós-graduação *lato sensu* em Teologia Pastoral e Protagonismo Feminino na Igreja (PUC Minas). Professora no curso de extensão Atendimento Pastoral às Pessoas LGBTQIAPN+ (no ITESP). Diretora do Centro de Estudos de Gênero, Diversidade Sexual e Violência (RJ), onde atua como pesquisadora e atende como psicóloga. Membro da Sociedade Brasileira de Teologia Moral (SBTM) e da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER). Fundadora do grupo de pesquisa Diversidade Sexual, Cidadania e Religião, e da rede Teomulher. Membro da Rede Brasileira de Teólogas, e do grupo Teologia e Contemporaneidade (PUC Minas). Escritora de livros infantojuvenis, de livros voltados à educação, de artigos, capítulos de livro e de dois livros de teologia: *A inclusão de todas/os/es – uma leitura teológica da violência de gênero: mulheres e LGBTQIA+*; e de *De Girard e Lévinas à ética da inclusão* (Recriar, 2022). Também escreveu *A Igreja e as pessoas LGBTQIAPN+: atendimento pastoral com base no amor incondicional de Deus* (Vozes, 2024).

Algumas questões acerca da situação das mulheres no processo sinodal

Some Questions about the Situation of Women in the Synodal Process

Alzirinha Souza

Doutora em Teologia pela Université Catholique de Louvain e professora e pesquisadora do PPG em Teologia Prática da PUC Minas e do Instituto São Paulo de Ensino Superior (Itesp)

Resumo: Pensar a situação da mulher na comunidade eclesial se traduz hoje em um dos grandes desafios do processo Sinodal. Neste sentido, este artigo, visando aprofundar o tema, quer trazer à reflexão proposições que estão dispostas em três momentos. O primeiro faz referência aos tímidos avanços sobre o tema ao longo dos anos; o segundo refere-se aos aspectos positivos dos discursos de Francisco; e, por último, os desafios a ser superados e proposições a ser buscadas, propostas pela autora inglesa Tina Beattie.

Palavras-chave: Sinodalidade. Papa Francisco. Mulheres. Desafios eclesiais.

Abstract: Thinking about the situation of women in the ecclesial community today translates into one of the great challenges of the Synodal process. In this sense, this article, aiming to delve deeper into the topic, seeks to bring forth reflections organized into three sections. The first section references the timid advances on the topic over the years; the second addresses the positive aspects of Pope Francis' discourse; and finally, the challenges to be overcome and the proposals to be pursued, as suggested by the English author Tina Beattie.

Keywords: Synodality. Pope Francis. Women. Ecclesial challenges.

INTRODUÇÃO

É clássica e verdadeira a afirmação de que as mulheres hoje são numericamente “a base da Igreja”. Se são elas que a constituem majoritariamente, não deveriam ser elas as primeiras a ser consideradas nas discussões sinodais? Não caberia a elas forte colaboração para o avançar da Igreja? Deveríamos ainda estar discutindo aspectos de sua presença e colaboração na comunidade eclesial? Afinal, o tema das mulheres na Igreja Sinodal do terceiro milênio permanece um dos pontos conflitivos das discussões na Sala Sinodal, as quais, por vezes, têm as próprias mulheres como vozes contrárias.

Para compreendermos a situação da mulher no contexto e nas discussões que envolvem o desenvolvimento do Sínodo sobre a Sinodalidade, cremos ser necessário compreender a situação da mulher no papado

de Francisco em relação a seus avanços e obstáculos. Para isso, três premissas aparentemente essenciais são elencadas e estão intrinsecamente vinculadas. A primeira faz referência ao fato de o pontificado de Francisco ser uma “continuidade” do de seus antecessores no referente às mulheres, sem grandes desdobramentos. A segunda é que, apesar da primeira, o papa atual tem o mérito de colocar as questões sobre a mesa para serem discutidas, e o Sínodo deve ser o espaço para esses debates. Finalmente, a terceira refere-se à luta quase pessoal do papa para ver a Igreja avançar. Essa será a marca da Igreja de Francisco, a qual se colocou em diálogo com o mundo, abrindo possibilidades de debates sobre diferentes temas, tais como: Igreja pobre, ecologia, clericalismo e economia neoliberal. Ou seja, ele propõe uma Igreja pensando nas questões relacionadas com a solução de continuidade de si mesma no mundo, que, por sua vez, se relaciona com as demandas externas. Entre esses temas, encontra-se a situação das mulheres neste novo olhar sobre a comunidade eclesial.

Restam-nos duas questões importantes a serem consideradas antes de falarmos sobre as mulheres: 1) Com quais mulheres a Igreja deseja dialogar? E, sobretudo, 2) De quais mulheres estamos falando? É a partir destas duas perguntas amplas de fundo que se origina a reflexão proposta neste texto, cujo objetivo é colaborar para o aprofundamento da reflexão acerca das mulheres no processo sinodal. Para tanto, entendendo que estão intrinsecamente ligados, trabalharemos os elementos da vertente histórica e os da situação presente das mulheres na Igreja, notadamente no papado de Francisco.

1 POUCAS MUDANÇAS EM RELAÇÃO À SITUAÇÃO DAS MULHERES NO CONTEXTO ECLESIAL

Historicamente, os movimentos de avanços realizados pelas mulheres serviram para que elas, no fim, fossem “colocadas em seus lugares”, isto é, oprimidas e reprimidas. Na Igreja, isso aconteceu sistematicamente com as mulheres que ousaram dar um passo à frente, que lutaram. Elas acabaram desacreditadas. Exemplos não faltam: diáconas, pregadoras, mulheres sacerdotes da Igreja primitiva, Tecla, Lídia, Maria Madalena, as beguinhas, as abadessas da Idade Média (que tinham o poder de um bispo, como mostram as imagens de santas com báculos, especialmente a de Santa Gertrudes de Nivelles). Após o Concílio Vaticano II, à luz do movimento das teologias contextuais, como a liberacionista e a feminina, finalmente deu-se início a uma nova consideração sobre o tema das mulheres. Elas por vezes tiveram seus pensamentos sufocados (Católicas pelo Direito de Decidir, 2021), em alguns casos de forma evidente, nos papados anteriores ao de Francisco.

Ao que parece, o Papa Francisco, seja por posição pessoal, seja por posição contextual, não vai reverter isso. Contudo, ele guarda consigo o grande mérito de pelo menos colocar o tema sobre a mesa, a passos curtos, para fins de superação da desigualdade entre homens e mulheres na Igreja. Em sua pedagogia de “abrir processos”, ele dá o primeiro passo para superar mais de dois mil anos de antropocentrismo e misoginia enraizados na estrutura eclesial.

2 ASPECTOS POSITIVOS DE FRANCISCO EM RELAÇÃO AO TEMA DAS MULHERES: UM OLHAR SOBRE SUA “TEOLOGIA DOS GESTOS”¹

Francisco denuncia fortemente o clericalismo e todas as vertentes que dele podem vir: cardinalismo, episcopalismo, paroquialismo, diaconismo, seminarianismo e leiguismo, entre outras analogias que podem expressar formas de atuação eclesial. Estas permeiam as estruturas a partir do paradigma do poder, que se opõe ao do serviço, e chama fortemente a atenção para a necessidade da inclusão de todos, todos, todos (Francisco, JMJ, 2023).

O papa tenta dar à Igreja um rosto de acolhida, transformando-a num espaço onde todos caibam e no qual possam se sentir parte integrante, incluindo as mulheres. Os temas proibidos pelo Dicasterio para a Doutrina da Fé (ordenação de mulheres, diaconato feminino, sexualidade e gênero) podem ainda não estar decididos, mas são discutidos. Estão sobre a mesa. Francisco é afetivo e sensível intelectualmente; busca as relações pelo coração, sensibiliza-se e “feminiza” a Igreja após o esquecimento do feminino e do sagrado, no dizer de Julia Kristeva (Bernardes; Rodrigues, 2020).

Nesse sentido, ele feminiza a linguagem da Igreja, não porque entende a mulher, mas porque coloca a linguagem em nível mais flexível, como diz Henri Derroitte.² Hoje, entende-se o que o papa diz e quer, mesmo que isso gere divergências. Entendem-se seus documentos até para criticá-lo. Por isso, cria-se uma

1 Essa expressão é utilizada por Chimello (2017). Parece extremamente apropriada para identificar a práxis de Francisco.

2 Derroitte, H. *La nouvelle forme de dialogue de François*. Conferência realizada na *Journée d'études Joseph Comblin*, em 2011. Texto sem publicação.

“clareira na linguagem” (Heidegger) para dar espaço às mulheres, ainda que o espaço não tenha sido criado. Isso é notadamente observado nos documentos eclesiais, embora ainda não haja nada claro nesse sentido. Raramente, encontram-se citações de mulheres pesquisadoras ou referências concretas a elas (ao passo que são citados outros papas, por exemplo). Por isso, o compromisso de Francisco é, apesar das limitações, continuar a reflexão sobre as mulheres a fim de incluí-las.

No livro de entrevistas do papa, intitulado *Vamos sonhar juntos: o caminho para um futuro melhor* (Francisco, 2020), ele fala do papel e da contribuição que as mulheres podem dar à Igreja e à sociedade de forma matizada, à luz da linguagem e da comparação da Igreja com o feminino, da Igreja como mãe, como se a contribuição das mulheres fosse a luz daquilo que as caracteriza: serem mães, afetuosas, acolhedoras etc. E aqui propomos a reflexão: essa é a única imagem da mulher que a Igreja pode considerar?

Por outro lado, em suas falas, o papa acena a aspectos interessantes (positivos) acerca das mulheres em diferentes momentos de seu ministério:

» Na época da pandemia, afirmou que as mulheres foram as mais afetadas (seja porque estavam na linha de frente, já que 70% dos trabalhadores da saúde são mulheres, seja porque tinham que sair para trabalhar e manter os filhos) e as mais resilientes.

» Afirmou que o anúncio da Ressurreição foi dado às mulheres, pois elas estão mais atentas e abertas ao presente da história e às novas possibilidades.

» Da mesma forma, perguntou como a crise do

mundo atual poderia ser resolvida pelas mulheres.

» Também perguntou se o Espírito Santo estava nos levando a reconhecer a importância das mulheres na Igreja, de modo que, talvez por isso, as reconheceu e colocou no papel a permissão das mulheres como leitoras e acólitas no início do ano (mesmo já sendo feito, isso estava a critério de bispos e padres), sendo, portanto, esta a única mudança em nível de doutrina.

» A Comissão de Estudos sobre o Diaconato Feminino começou a se reunir novamente, o que deve levar ao tema da ordenação de mulheres (considerando as resistências na aula sinodal, é de se perguntar como avançará essa questão).

3 PONTOS ESPECÍFICOS À LUZ DO PENSAMENTO DE TINA BEATTIE: QUESTÕES?

Além das questões anteriores, Beattie (2021), em sua brilhante conferência, destaca outras duas que parecem determinantes para se pensar os limites da Igreja ou do papa em relação às mulheres. Ela destaca que é costume do papa citar Agostinho: “Buscar a Deus para encontrá-lo, encontrar a Deus para continuar buscando”. Ora, a partir daí, há que se perguntar como as mulheres serão buscadas, se não são ou estão institucionalmente incluídas na estrutura eclesial e se, muitas vezes, suas formas de fé e de oração, bem como o discipulado que elas exercem na Igreja, não são considerados. Elas não são só mães acolhedoras, mas buscam a Deus, encontram-no e continuam buscando-o à sua maneira.

A realidade contradiz a noção de feminilidade materna do papa, assim como contradiz o princípio de

que “a realidade é maior que as ideias”. Neste caso, Francisco aparentemente situa a ideia de mulher por cima da realidade em que muitas delas vivem, lutam e desejam se colocar a partir do que são. Ele diz que a ideia de mulheres unicamente maternas é que se impõe sobre uma realidade que não lhes corresponde, pois elas são maiores que sua única função de mães.

A segunda questão destacada por Beattie é que Francisco afirma, em *Laudato Si'* (LS), que o universo desborda em Deus e o preenche completamente. Tudo revela Deus. E as mulheres também não são fator de revelação de Deus? Ele não acrescenta nenhuma reflexão teológica e social concreta em relação às suas questões (presença do corpo feminino no masculino da Igreja, diaconato feminino, ordenação, questões referentes à vida religiosa feminina, entre tantas outras), mantendo-se em nível de abstração. A autora questiona: podemos ver Deus em uma folha de árvore, mas não podemos ver Deus através do corpo feminino? Aliás, ela observa as dimensões para o ministério presbiteral: 1) a dimensão petrina, 2) o Colégio Apostólico e 3) a dimensão mariana (feminina). E podemos nos perguntar quem é mais importante: os apóstolos ou Maria?

Beattie destaca que a Igreja tem uma dimensão feminina, pois ela é substantivo feminino em princípio. A ideia do feminino enquanto corpos reais é substituída por idealizações de mulheres (com um parto reluzente e uma vida afável, benigna, resiliente), que distorcem o que é próprio de pessoas concretas. Há uma romantização das mulheres como que para justificá-las na estrutura eclesial. Compará-las, em termos de maternidade (como insiste Francisco), ao gênero feminino, ou seja, àquelas que mostram o caminho, que cuidam,

que acompanham e que defendem, é pouco em relação ao exercício real da maternidade de mulheres que se encontram na base da Igreja, daquela que pulsa na periferia de cidades como São Paulo.

Outro aspecto são as feridas dos abusos causados por essa mãe Igreja dentro de uma hierarquia cujos agentes são homens e não mulheres. Eles também não deveriam saber cuidar, mostrar o caminho, acompanhar e defender? Por outro lado, não são elas que, em alguns espaços, já assumem esse papel como exercício de um diaconato que não foi posto no documento *Querida Amazônia*? Elas são reconhecidas não como ordem, mas como papéis a partir do caráter feminino, de modo que se clericalizariam se fossem ordenadas.

Querida Amazônia diz que o rosto do Cristo se dá pelo rosto de Jesus (divino/homem) e por Maria (criatura/mulher). O rosto e o corpo de Cristo não são construídos por “homens e mulheres de boa vontade”, que se incorporam pelo batismo à comunidade eclesial (Gl 13,26)? Maria só pode ser considerada como ícone de maternidade (mãe/feminino) e isso não pode ser ampliado? Mulheres devem continuar a ser consideradas pelo “útero”, pela capacidade de serem mães sem serem inculturadas. Até quando, porém, serão elas as que estão disponíveis ao masculino, com seus úteros acolhedores? De fato, para Beattie, o papa encontra-se no desafio de um *apartheid* sexual que ainda prevalece nas instituições e hierarquias católicas.

4 A PRESENÇA DAS MULHERES NA *ECCLESIA* INSTITUCIONAL: EVOLUÇÃO?

Os grandes eventos eclesiais marcam o desenvolvimento eclesial. Por isso, cremos que é imprescindível percebê-los à luz de nosso tema, recolocando duas questões. A primeira trata da consideração das mulheres em seus debates, e a segunda consiste em como elas mesmas participaram desses eventos.³

4.1 O CONCÍLIO VATICANO II

Durante a realização do Concílio Vaticano II, comparando-se com os aproximadamente 2.500 homens participantes, as 23 mulheres ali presentes – das quais sete não tinham direito a voto (Marcílio, 1984, p. 31) – permitem afirmar de imediato a insuficiente representação feminina nas decisões, considerando a presença de mulheres leigas e religiosas na Igreja de um modo geral. De fato, era como se elas não existissem. O cardeal Suenens, da Bélgica, chegou a perguntar na segunda sessão do Concílio em 1963: “Mas onde está aqui a outra metade da humanidade?” Ele propunha que as mulheres também participassem das decisões conciliares (Gibellini, 1992, p. 110). Não obstante a organização concreta do evento conciliar, ele avança na tomada de posição a favor das mulheres ao combater a discriminação contra elas na vida social e cultural, insistindo em que a educação acompanhasse os novos tempos e suscitasse homens e mulheres não apenas cultos, mas também de personalidade forte (GS, 294). Em GS, 289, protegem-se os interesses específicos das mulheres:

3 A reflexão aqui proposta tem origem na pesquisa realizada para a participação na Mesa de Debates do II Congresso Internacional de Pastoral (FAJE), em 2023, cujo tema era “Mulheres e sinodalidade”.

Na verdade, nem todos os homens se equiparam na capacidade física que é variada e nas forças intelectuais e morais que são diversas. Contudo, qualquer forma de discriminação nos direitos fundamentais da pessoa, seja ela social ou cultural, ou funde-se no sexo, raça, cor, condição social, língua ou religião deve ser superada e eliminada, porque é contrária ao plano de Deus. É de lamentar que realmente aqueles direitos fundamentais da pessoa não sejam ainda garantidos por toda a parte. É o caso quando se nega à mulher a faculdade de escolher livremente o seu espaço, de abraçar seu estatuto de vida ou acesso à mesma cultura e educação que se admitem para o homem.

Os avanços foram pequenos. O decreto *Apostolicam actuositatem*, que trata da situação dos leigos e leigas, demanda uma participação mais ampla da mulher na Igreja, porém *sem dar a ela o direito à tomada de decisão* (AA, 1136), ao passo que a *Lumen gentium*, ao aprovar o serviço masculino no diaconato permanente como ministério ordenado, exclui as mulheres do serviço hierárquico (LG, 29). Contudo, é bom recordar que a única atividade que não poderia, em sentido estrito, ser realizada por uma mulher é a de testemunhar um matrimônio. As demais funções (batizar, conservar e distribuir a eucaristia, levar o viático aos que estão para morrer, ler o Evangelho, officiar exéquias e enterros e realizar celebrações da Palavra) são aplicáveis a homens e mulheres batizados e preparados.

4.2 AMÉRICA LATINA: A CONFERÊNCIA DE MEDELLÍN (“MULHERES COMO APOIO”)

Foi em Medellín (Documento de Medellín) e à luz da realidade latino-americana que a questão ganhou

novos contornos. Com a Teologia da Libertação, com o nascimento das comunidades eclesiais de base (CEBs), com o surgimento dos conselhos paroquiais e diocesanos que revelavam uma nova forma de eclesialidade e com a leitura popular da Bíblia, o pensamento e as preocupações da Igreja foram se consolidando de outra forma no continente. De fato, a América Latina se transformava, leigos e leigas se tornavam protagonistas do processo de evangelização e descobria-se que a base da Igreja no continente era composta de mulheres em sua maioria pobres e chefes de família. O sinal dos tempos por excelência assumido pela conferência foi o pobre latino-americano, independentemente de sexo. Um olhar preocupado sobre a realidade social do povo do continente levou à denúncia de um pecado estrutural generalizado com o qual a própria Igreja, muitas vezes, ao longo da história, teria sido conivente.

De fato, a partir daí criou-se uma nova distribuição de poder dentro das comunidades: a visão piramidal foi se tornando mais participativa e circular, e as celebrações nas comunidades ganharam criatividade, incorporando elementos das realidades em que estavam inseridas e libertando-se, à luz do *Sacrossanctum concilium*, de uma liturgia romana. Contudo, onde estavam as mulheres nessa eclesiogênese a partir de Medellín? Assim como no Concílio, a participação feminina na elaboração do documento de MD foi pouca e pequena, e quando muito com interferências mais indiretas nos debates que aconteciam fora da conferência. O único nome feminino identificado por Beozzo (1994, p. 159) é o da irmã Irani, das Missionárias de Jesus Crucificado. Mulheres leigas e religiosas são sempre um apoio importante a ser considerado nas comunidades (MD, 18 e 20).

4.3 A CONFERÊNCIA DE PUEBLA: MULHERES INTEGRANTES DA EVANGELIZAÇÃO

Puebla acontece dez anos após MD. Nesse espaço de tempo, muitas transformações aconteceram na história da Igreja e na sociedade. Em relação ao tema das mulheres, mesmo que naquele momento houvesse um debate inflamado nos Estados Unidos sobre a questão do sacerdócio e do sexismo na Igreja, Puebla não avançou no debate. Foi registrada na conferência a presença de mulheres, assim consideradas, conforme denunciou a imprensa baiana: “contraventoras da ordem estabelecida pela Igreja, o que delas se esperava era: silêncio, serviço, humildade a exemplo de Maria” (Jornal da Tarde, 1979).

De fato, o documento demonstrou pouca preocupação quanto à questão da mulher no campo social e, principalmente, na Igreja. O Documento Preparatório da assembleia, elaborado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) (subsídios para PB, 50), destaca a marginalização cultural do povo e a marginalização da mulher (que ainda aparece no continente, debilitando a vitalidade construtora da sociedade e da Igreja), mas não constava no relatório que elas deveriam ser parte integrante da conferência.

Ou seja, o próprio evento que pretendia discutir suas questões as discriminava. O documento de conclusão se referiu bem mais às mulheres que os anteriores. A conferência contou com 300 representantes, conforme assinado no documento; a questão da mulher aparece em momentos distintos no texto final: a mulher e a família (n. 57). O eixo central da evangelização, a opção preferencial pelos pobres, continua tratando o pobre sem aprofundar que, entre eles, estão

as mulheres, que, por sua vez, estão em maior grau de pobreza. Ressaltou-se a importância das CEBs (n. 98), sem explicitar que a grande massa de formadores e lideranças era composta por mulheres.

Contudo, Puebla (1979, n. 115) reconhece e ressalta:

A mulher merece uma menção especial: tanto a religiosa quanto a dos institutos seculares e as simples leigas participam atualmente, cada vez mais, das tarefas pastorais atualmente, cada vez mais das tarefas pastorais, embora em muitos lugares, ainda exista o medo dessa participação.

Abriu-se também um espaço para isto: “a possibilidade de confiar às mulheres ministérios não ordenados lhes abrirá novos caminhos de participação na vida e na missão da Igreja” (Documento de Puebla, 1979, n. 845).

Se o documento não deixa clara a situação da mulher na Igreja, ao menos registra a necessidade de que se reconheçam suas questões na sociedade. Puebla faz uma análise crítica e real da situação da mulher na América Latina: ao mostrar como a mulher é marginalizada na sociedade (n. 834), denuncia por que é prostituída (n. 835) e condena a falta de proteção no mundo do trabalho (n. 836), a jornada dupla dentro e fora do lar (n. 837), a exploração doméstica (n. 838) e a não valorização da mulher pela Igreja (n. 839); além disso, incentiva as organizações femininas (n. 840).

5 QUESTÕES ATUAIS DAS MULHERES NO PROCESSO SINODAL: ATUALIZAÇÃO?

Lá se vão 43 anos de Puebla, e outras conferências vieram: Santo Domingo e Aparecida, sem grandes

progressos sobre o tema. O fato é que, desde o Concílio, a questão da situação das mulheres no contexto eclesial permaneceu mais no papel e nas tentativas de avançar do que no avanço efetivo, voltando-se mais uma vez, agora, para o prisma da sinodalidade.

A questão passa por uma vertente mais ampla: não basta somente desejar que as mulheres, de alguma forma, façam parte da hierarquia como presbíteras ou diáconas. Sem as transformações nas estruturas eclesiais, o sexismo (mentalidade que define as pessoas e lhes impõe limites ou etiquetas por causa do sexo, de modo a forjar, por exemplo, um estereótipo de mulher) continuará a criticar aquelas que desejam, por demanda de igualdade, exigir a sua inclusão nessa estrutura majoritariamente patriarcal e centralizadora.

É nesse sentido que aqui se levantam alguns pontos de reflexão, mais específicos, que tocam (ou deveriam tocar) o processo sinodal. O pensamento que norteia este texto associa-se ao da teóloga italiana Nocetti (2022), citando elementos de seu brilhante artigo “*Una palabra inaudita: las mujeres y la sinodalidad en la Iglesia*”.⁴ Vamos a eles:

1. Se a Igreja fosse verdadeiramente sinodal, considerando que o exercício da sinodalidade nasce do processo de escuta, a discussão sobre os diferentes membros eclesiais, suas situações e lugares de fala nem deveria, em tese, estar em pauta, uma vez que, no fim, todos/as deveriam ser escutados/as. Se estamos discutindo o assunto ainda hoje, significa que as mulheres, em especial, raramente são escutadas quando suas posições e demandas poderiam se tornar uma contribuição efetiva para a mudança e evolução dos proces-

4 A numeração de páginas é nossa.

ses eclesiais. Assim, elas deixariam de ser coadjuvantes para serem efetivamente sujeitos de decisão.

2. Ora, se esse passo básico não se cumpre, podemos nos perguntar por quê. A primeira razão é lembrar que geralmente as mulheres não são reconhecidas como portadoras de um elemento essencial e constitutivo para a construção do sujeito eclesial (p. 2). E não basta ouvi-las. O processo sinodal deve indicar o reconhecimento da subjetividade própria das mulheres, que leva efetivamente a uma Igreja inclusiva, em que homens e mulheres são tomados de igual forma. Não basta falar *das* mulheres ou *para as* mulheres. Também já não é suficiente discutir a questão das mulheres de maneira isolada, sem ligação com o conjunto da reforma eclesial, como se elas fossem um apêndice dentro dessa estrutura (p. 3). Faz-se necessário pensar a nova forma de ser Igreja que nasce do processo sinodal, tendo em conta todas as subjetividades (homens e mulheres) e criando um rosto clerical inclusivo, justo e participativo (p. 3).

3. É preciso superar, portanto, os estereótipos que reduzem a mulher a uma lista de “valores femininos” ou a uma feminidade esponsal-maternal, os quais esquecem as diferenças culturais e tantas outras experiências de vida (p. 3). Trata-se, portanto, de abordar uma questão enraizada na Igreja: a abordagem sempre masculina em relação ao sagrado e ao poder na instituição. A antropologia teológica parece não ter evoluído e continua incompleta à medida que pensa o humano (*anthropos*) como um “macho” (*aner*) universalizado, declarado neutro, tentando definir só depois, em segundo momento, a “especificidade do feminino” partir da ideia de “humano” (p. 3).

4. Cabe pensar que as relações em um processo sinodal não são de subordinação nem de simples complementaridade de características femininas e masculinas, mas, sim, de parceria entre sujeitos iguais que têm a mesma crença.

5. Outro ponto toca a renovação das relações eclesiais: a ideia do *um, alguns e todos* da Comissão Teológica Internacional bem define a estrutura eclesial hoje. Contudo, destaca Fiorenza (2014 *apud* Nocetti, 2022) a lógica do *Kyrios*, do único senhor, que exerce poder sobre *todas* as mulheres e muitos homens. Ou seja, é preciso que o processo sinodal caminhe para mudar as relações, superando a cultura clerical masculina e a estrutura patriarcal, assim como um sistema de lógica hierárquica que não permite a transparência do conjunto (p. 4).

6. E, à guisa de conclusão, podemos dizer que, numa Igreja sinodal, convém escutarmos juntos a Palavra de Deus, reconhecendo-a como graça que todos temos, mulheres e homens, a fim de transformar as relações e estruturas desiguais de tal modo que, a partir do convívio das diferenças, se alcance a participação geral segundo o projeto evangélico do Reino de Deus (p. 6).

CONCLUSÃO

São muitas as questões que emergem do tema da situação das mulheres na sociedade e no conjunto eclesial e julgamos que é sempre necessário recolocá-las. Por isso, quisemos nesta reflexão levantar questões acerca da situação da mulher no contexto eclesial, para percebermos os desafios a serem superados que se apresentam, ainda hoje, quando se trata do tema das

mulheres na Igreja. Afinal, a situação das mulheres na instituição passa por três vertentes a serem superadas: a clerical, a institucional e a da superação das mulheres ao ganharem consciência de quem são e do potencial que têm a oferecer à Igreja hoje.

A necessária mudança de uma cultura milenar, patriarcal e hierárquica é mais uma que o processo sinodal oportuniza, conclamando à revisão ampla de processos que viabilizam a situação de todos/as aqueles/as que fazem parte deste corpo eclesial denominado Igreja.

REFERÊNCIAS

BEATTIE, Tina. Mulheres na vida da Igreja: avanços e obstáculos no pontificado de Francisco. **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HXCeCPAXo8w&t=3584s>. Acesso em: 27 mar. 2024.

BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil**: de João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo. Petrópolis: Vozes, 1994.

BERNARDES, Tatiana; Rodrigues, Leandro. O esquecimento apresentado entre o feminino e o sagrado de Julia Kristeva e Catherine Clément, como parte da construção da identidade feminina. **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo**, Dossiê n. 23, p. 99-108, 2020.

CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR. Conheça quatro mulheres católicas que desafiaram a Igreja. **Católicas Pelo Direito de Decidir**. 2021. Disponível em: <https://catolicas.org.br/notas/conheca-quatro-mulheres-catolicas-que-desafiar-iam-a-igreja/>. Acesso em: 27 mar. 2024.

CHIMELO, M. A. **Il gesti di papa Francesco**. Disponível em: www.avvernire.it/opinioni

FIORENZA, Elizabeth. **Empowering Memory and Movement**: Thinking and Working across Borders. Minneapolis: Fortes Press, 2014.



FRANCISCO, Papa. **Vamos sonhar juntos**: o caminho para um futuro melhor. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

GIBELLINI, Rossino. **A teologia do século XX**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

JORNAL DA TARDE, 08 fev. 1979, n. 21.976.

MARCÍLIO, Maria Luiza. (org.). **A mulher pobre na história da Igreja latino-americana**. São Paulo: Paulinas, 1984.

NOCETTI, Serena. Una palabra inaudita: las mujeres y la sinodalidad en la Iglesia. **Revista SIC**. 2022. Disponível em: <https://revistasic.org/una-palabra-inaudita-las-mujeres-y-la-sinodalidad-en-la-iglesia>. Acesso em: 7 abr. 2022.

Alzirinha Souza



Alzirinha Souza. Leiga, doutora em Teologia pela *Université Catholique de Louvain*, mestre em Teologia pela *Universidad San Dámaso* e graduada em Teologia pela PUC-SP. Realizou estágio pós-doutoral na Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) e atualmente é professora e pesquisadora do PPG em Teologia Prática da PUC Minas e do Instituto São Paulo de Ensino Superior (Itesp). É membro da *Société Internationale de Théologie Pratique*.

A convocação de Francisco para a sinodalidade. Um olhar feminino para um discipulado de iguais na América Latina

Francis' Call for Synodality. A Feminine Perspective on Discipleship of Equals in Latin America

Ivenise T. Gonzaga Santinon

Professora na Faculdade de Teologia da PUC-Campinas e assessora da Comissão Pastoral para o Laicato da CNBB

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo realizar uma pesquisa bibliográfica sobre a convocação do Papa Francisco para o Sínodo sobre a Sinodalidade. A partir de um olhar feminino e libertador sobre a presença da mulher na vida da Igreja, propõe-se verificar a importância da sinodalidade para esse evento, desde a sua preparação. Para isso, busca-se primeiramente refletir sobre a relação do sínodo com o Concílio Vaticano II e em um segundo momento analisa alguns documentos do Concílio Vaticano II para entender como os padres conciliares compreenderam o papel da mulher na sociedade e na Igreja. Concluindo, sob um olhar feminista, aponta-se para a necessidade da implantação de uma eclesiologia de abertura sinodal, a da proposta pelo Papa Francisco, que nos dá esperanças em meio do cenário atual de tendência da manutenção

de estruturas eclesiais obsoletas, injustas, masculinizadas, voltadas mais para os âmbitos internos da Igreja. Esse trabalho tenta mostrar a convocação do Sínodo e um pouco dos caminhos a serem trilhados na Igreja do Pontificado de Francisco, rumo a um discipulado de iguais.

Palavras-chave: Sinodalidade. Mulheres. Papa Francisco. Discipulado de iguais.

Abstract: The present work aims to carry out a bibliographical research on Pope Francis' call for the Synod on Synodality. From a feminine and liberating perspective on the presence of women in the life of the Church, we propose to verify the importance of synodality for this event, since its preparation. To do this, we first seek to reflect on the relationship between the synod and the Second Vatican Council and, secondly, we analyze some documents from the Second Vatican Council to understand how the council fathers understood the role of women in society and in the Church. In conclusion, from a feminist perspective, it points to the need to implement an ecclesiology of synodal openness, that proposed by Pope Francis, which gives us hope amid the current scenario of the tendency to maintain obsolete, unjust, masculinized ecclesiastical structures focused more on the internal spheres of the Church. This work tries to show the convocation of the Synod and some of the paths to be followed in the Church of Francis' Pontificate, towards a discipleship of equals.

Keywords Synodality. Women. Pope Francis. Discipleship of equals.

INTRODUÇÃO

Após ter sido adiada por causa da pandemia, a 1ª Assembleia Eclesial da América Latina e Caribe foi nos apresentada pelo Papa Francisco por meio de uma videomensagem no domingo 24 de janeiro de 2021. Ele disse: “Somos todos discípulos missionários em saída”. Com este lema, inspirado na eclesiologia do Concílio Vaticano II (1962-1965) e na Conferência de Aparecida (2007), ele se disponibilizou a acompanhar com particular atenção todo o Povo de Deus latino-americano e caribenho que reuniria nesse evento, na Cidade do México, de 21 a 28 de novembro 2021.

Naquele momento da convocatória, na mensagem oficial, Francisco disse:

Gostaria de lhes dar dois critérios para acompanhá-los neste tempo, um tempo que abre novos horizontes de esperança para nós. Primeiro... que esta Assembleia não seja uma elite separada do santo povo fiel de Deus. Junto com o povo não se esqueça, somos todos parte do povo de Deus, somos todos parte dele. O povo de Deus que é infalível “in credendo”, como nos diz o Concílio, é o que nos dá a pertença. Do povo de Deus surgem as elites, as elites iluminadas por uma ideologia ou outra, e esta não é a Igreja. A Igreja se dá no partir do pão, a Igreja se dá com todos, sem exclusão. Uma Assembleia de Igreja é o sinal de uma Igreja sem exclusão... (Vatican News, 2021, s.p.).

Inspirado nessa centralidade conciliar proferida pelo pontífice, o Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho (CELAM) tratou logo de planejar essa novidade já que outras assembleias realizadas na América Latina e no Caribe foram episcopais. Esta 1ª Assembleia Eclesial, com o tema “Somos todos discípulos

missionários em saída”, foi convocada após quatorze anos da 5ª Conferência Episcopal Latino-Americana, realizada em Aparecida. O objetivo geral foi “contemplar a realidade de nossos povos, aprofundar os desafios do continente, reacender o compromisso pastoral e buscar novos caminhos em chave sinodal”.

Assim, a Conferência de Aparecida foi a inspiração em todos os momentos da Assembleia e nós, delegadas e delegados, tivemos a preocupação constante de nela balizarmos o discernimento, as atividades do processo de escuta e as premissas nos trabalhos em grupos. A convocatória do Papa Francisco e o objetivo estipulado pelo CELAM nos indicaram a sinodalidade como chave de leitura para o discernimento das atividades e reflexões durante todo o tempo da Assembleia Eclesial (AE). Isso em razão da AE anteceder e ser parte integrante de um processo eclesial democrático chamado Sínodo. Convocado por Francisco em 10 de outubro de 2021, o 16º Sínodo dos Bispos se realizará no Vaticano com término previsto para outubro de 2023 e terá como tema: “Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão”. A expectativa é que esse sínodo seja diferente de todos os anteriores e sejam ouvidas mais de um bilhão de pessoas católicas sobre o futuro da Igreja Povo de Deus. Muitos olhares serão necessários para que o Concílio Vaticano II não seja ocultado e que as conclusões da Conferência de Aparecida (2007) não sejam esquecidas.

1 CONHECENDO O CONTEXTO DA ASSEMBLEIA ECLESIAL

Com um olhar feminino, de teóloga e, sobretudo, de leiga atuante na vida da Igreja, o quero aqui é re-

fletir o contexto da Assembleia Eclesial e a índole missionária da Igreja (Compêndio do Concílio Vaticano II, 17), não deixando desaparecer um importante desafio citado nos documentos conclusivos da Assembleia: a participação das mulheres na Igreja e no mundo que, diante do contexto de clericalismo tão assinalado por Francisco, indica a necessidade de se avançar para transformar as estruturas eclesiais.

Como o Concílio Vaticano II, a Conferência de Aparecida propôs uma reviravolta na vida da Igreja e ela que teve Francisco, então arcebispo de Buenos Aires, no secretariado nos propomos a fazer esta reflexão da 1ª Assembleia Eclesial. Desde o processo de escuta, foi mostrado que muito precisava ser feito, pois, após quase quinze anos de Aparecida, havia questões cruciais que não tinham sido efetivadas. Entre elas, era assinalada a missão das mulheres em uma Igreja ainda clericalista, sacramentalista e segregada: A Igreja está chamada a repensar profundamente e a relançar com fidelidade e audácia sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais (Documento de Aparecida, 11). Essa premissa foi sendo pensada em um contexto sociopolítico-religioso complexo.

Em função da pandemia, a assembleia teve o formato híbrido, com a participação de mais de mil pessoas, sendo 93% de participantes de forma virtual e 7% presencial. Entre eles éramos 94 delegadas e delegados brasileiros e nós, mulheres, tivemos uma menor participação, 36%. Foram 64% de homens, sendo 20% bispos, 20% padres e 1,7% diáconos. Havia 0,7% de pessoas ligadas a outras religiões e 20% de religiosos e religiosas, além de homens e mulheres, ligados institucionalmente a congregações religiosas, irmãs, freiras,

frades, entre outros. A faixa etária dos participantes foi: 6% entre 20 e 30 anos; 30% entre 31 e 50 anos; 55% entre 51 a 70 anos e 9% acima de 70 anos. A pessoa mais jovem tinha 17 anos, era representante da Pastoral Juvenil do Equador, e a mais idosa com 87 anos era do Instituto Secular da Colômbia.

Em função dessa amostra de participantes, aponta-se o caráter formal da nossa eclesialidade, onde os homens majoritariamente estão na convocatória a partir da formalidade das estruturas hierárquicas. Nesse sentido, às vezes as pautas relativas às mulheres não eram muito ouvidas, mas, depois de debatidas e de omissões e controvérsias em alguns grupos, foram citadas nas conclusões. Isso ocorreu mais de uma vez, contradizendo o texto da Conferência de Aparecida onde, já em 2007, pontuava as mulheres como maioria na Igreja (Documento de Aparecida, 455) e que precisavam ser reconhecidas. O nosso olhar feminino nos grupos e a nossa fragilidade apareciam, mesmo tendo uma menor representatividade naquela estrutura formal eclesial, onde se discutia a sinodalidade.

Algumas perguntas foram levantadas: Aparecida é a nossa inspiração, conforme a convocatória de Francisco? Como romper com o nosso silêncio presencial e com a forma velada das presenças das mulheres nos grupos? Isso que é tão comum em nossas instituições? Como lidaríamos com o processo de recepção da Assembleia já que ali não acontecia efetivamente o método VER-JULGAR-AGIR? Diante desse contexto, com esse olhar feminino, enxergava-se que a assembleia eclesial latino-americana e caribenha, à luz da Conferência de Aparecida, poderia sofrer interferências mais à frente. Eram questões que talvez encontrassem res-

postas no processo de recepção da AE ou até na realização do Sínodo dos Bispos de 2023.

2 SINODALIDADE

Na etimologia da palavra ‘sinodalidade’, encontramos o seu significado no grego: *estar a caminho* ou *caminhar juntos*. A palavra tem sido utilizada mais frequentemente no mundo religioso para dar sentido a uma reunião de bispos. Na dinâmica do Reino de Deus e no sentido de se pensar na caminhada do Povo de Deus, o Papa Francisco quis tornar mais aberta essa compreensão e convocou uma assembleia eclesial com o tema da sinodalidade para anteceder a uma tradicional reunião episcopal que tratará do futuro da Igreja. Isso implica pensar que ele está tentando de diversas formas compreender a caminhada eclesial além do episcopado, e isso requer uma vivência de todos na circularidade própria do Povo de Deus, inspirada em Jesus Cristo onde todas as pessoas batizadas têm a mesma vocação e autonomia eclesial.

Trata-se da ideia de “caminhar juntos”, ou seja, um lugar em que leigas e leigos, religiosas e religiosos, seminaristas, presbíteros, bispos e todas as pessoas do Povo de Deus têm a mesma chance de igualmente fazer parte das reflexões e do futuro caminho comunitário da Igreja Católica. É um caminho de igual representatividade, sem controles ou dominações hierárquicas. Ele pressupõe subsidiariedade, implica a participação de todas e todos em seus ministérios, sem controle institucional ou amarras que possam contrariar o processo até o Sínodo de 2023.

Conforme um dos conferencistas da AE, o Pe. Age-

nor Brighenti, a sinodalidade também é ver a missão da Igreja como fonte e não como reflexo de normas. E isso nos faz repensar a teologia da libertação e o próprio contexto da Igreja no continente latino-americano e caribenho. Implica transformar estruturas obsoletas nas nossas paróquias, nas comunidades eclesiais e no catolicismo popular, que precisa não mais ser medieval e pietista, mas livre, responsável e autônomo. O ato sinodal nos impele a fazer a radical opção própria do Evangelho, pela cruz, pelos oprimidos, pelos pobres, pelas mulheres e todas as minorias. Se não fizermos isto, a sinodalidade não acontecerá.

Para aprofundamento dessa compreensão eclesiológica, basta ver que Aparecida alargou o leque do Concílio Vaticano II tanto no método quanto no conteúdo. E na AE foi nosso dever ético e cívico de estudar uma Igreja pobre para os pobres, em saída e na direção das periferias. Isso implica dizer que na prática entender a sinodalidade é viver um processo de conversão estrutural que não pode ser interrompido. Que não se trata apenas de mais um tema ou um diálogo fraterno e sentimental entre diferentes, mas tem uma dimensão real, lógica de atuação e instrumental segundo o próprio Evangelho que age no cotidiano das nossas estruturas pastorais – na e da Igreja – na ministerialidade e na responsabilidade de batizados/as e com a mesma igualdade.

Nesse sentido, com um olhar feminino para dentro das estruturas católicas, vejo com frequência que ainda hoje nós, mulheres, somos silenciadas em atitudes, falas e textos nas estruturas católicas. E isso ocorre desde uma formação teológica até a práxis na vida popular nas comunidades mais pobres, mesmo que nestes âm-

bitos algumas mulheres participem de alguns processos decisórios.

Desta feita, a novidade do tema da sinodalidade, por si só, foi uma verdadeira conversão pessoal e eclesial, uma inovação. À luz da fé, com ela experimentamos a novidade do Espírito de Deus que nos surpreende agindo em nosso meio, como membros do Povo de Deus, de diversos, e que nos conduz por caminhos inéditos de conversão pessoal, comunitária e institucional. Tratou de uma Igreja sinodal na qual compartilhamos o chamado de sermos iguais e, como Jesus Cristo, nos conduzimos para a proximidade e ao diálogo com todos indistintamente, como discípulos e discípulas missionários em saída. Ou seja, procuramos agir não como uma Igreja apenas centrada para o seu interior e sob a submissão de regras, atuando no *ad intra*, apenas em liturgias e em obediência ao clero, mas estivemos refletindo os chamados a sermos sujeitos eclesiais, com a mesma dignidade eclesial recebida pelo batismo.

O Papa Francisco nos pediu atenção nesse princípio básico da Assembleia. Ela não seria um evento segregador com a participação apenas de pessoas escolhidas por uma elite “fiel” de Deus. Seria a convocatória a todo o Povo de Deus, pois era para estarmos “junto com o povo”, como missionários e missionárias em saída e para as periferias eclesiais e existenciais.

A sinodalidade nos remeteu à nossa real caminhada, caracterizou a nossa própria convocatória, requereu a nossa persistência como representantes de uma autêntica Igreja Povo de Deus, de uma *práxis* por similitude entre todos, característica de uma *ecclesia* que “se entrega a todos, sem exclusão”.

Como Brighenti (2021, s.p.) disse em sua conferência:

A transcendência de Aparecida, pois, como o Pontificado de Francisco, é ter impulsionado o Concílio Vaticano II e nos desafiado a uma “segunda recepção” deste kairós no novo contexto em que vivemos. Como reconhecem os Bispos de Aparecida, “nos faltou coragem, persistência e docilidade à graça para continuar a renovação iniciada pelo Vaticano II e promovida pelas Conferências Gerais anteriores, em vista de um rosto latino-americano e caribenho de nossa Igreja (Documento de Aparecida, 100).

Esse evento foi o começo de um processo que, à luz da fé, pudemos experimentar a transcendência de Aparecida e a novidade do Espírito de Deus que nos surpreendia dia a dia como membros de um povo. Fomos conduzidos por caminhos inéditos de conversão, pois era a Igreja Povo de Deus que se mostrava semelhante a Jesus Cristo, conforme o Concílio Vaticano II nos indica. Ali estiveram “as nossas alegrias e esperanças, as tristezas e as angústias de hoje, sobretudo dos pobres e de todos e todas que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos e discípulas de Jesus Cristo” (GS, 1). Como indica *Lumen gentium*, “Deus quer santificar e salvar a todos os homens e mulheres não individualmente, sem nenhuma mútua conexão, senão constituir-los em um Povo” (LG, 9).

O chamado conciliar da Igreja Povo de Deus nos inspirou a irmos para além dos âmbitos eclesiais presentes na Assembleia, pois a presença viva da Igreja transcendia o mundo latino-americano e caribenho. Ousou-se, de diversas formas, a desafiar limites para

romper com o que estávamos acostumados. O espírito sinodal nos delineou, e a esperança nos moveu.

3 A SINODALIDADE, UM ESPERANÇAR NA CAMINHADA DO POVO DE DEUS

Já em 2007, após a conclusão de Aparecida, o teólogo José Comblin afirmou em artigo na Revista Vida Pastoral:

O projeto da Conferência de Aparecida é ambicioso. Trata-se de nada menos do que uma inversão radical do sistema eclesial. Há séculos a pastoral da Igreja está concentrada na conservação da herança do passado... A realização prática desse projeto vai exigir o século XXI inteiro. Com efeito, os bispos lançaram esse projeto, mas agora o primeiro problema consiste em convencer o clero. A presente geração não está preparada para essa inversão das suas tarefas. Vai ser necessário mudar radicalmente a formação e preparar novas gerações sacerdotais bem diferentes da atual. Fazer toda a Igreja ser missionária é uma tarefa gigantesca.

A nossa tarefa na Assembleia era diariamente puxada e realmente gigantesca. A sinodalidade era observada de várias formas e nos desafiava até nos diálogos nos grupos de WhatsApp. Quando controvérsias aconteciam, logo procurávamos deixar que o espírito sinodal prevalecesse. Dia a dia os avanços aconteciam e a esperança prevalecia.

Desde o processo de discernimento e de escuta, essa Assembleia se mostrou desafiadora e produtiva, pois, após quase quinze anos de Aparecida, foi visto que muito precisava ainda ser feito para que todos os batizados tenham os mesmos direitos e deveres. E

Francisco tem procurado recuperar essa eclesiologia (EG, 111-114) ao afirmar que “ser Igreja é ser Povo de Deus” (EG, 114), pois Deus nos elegeu e nos tem convocado como um Povo (EG, 113) que se encarna nos povos da Terra (EG, 115). Isso responde não apenas como uma concepção sociológica, mas com a noção de salvação de todo o Povo de Deus, com a mesma dignidade batismal, na mesma terra em que habitamos.

A história do Povo de Deus e a da Igreja com os sínodos tem nos mostrado que não é fácil romper com velhas concepções eclesiológicas. Muito dependeria da conclusão dos trabalhos e da recepção da Assembleia.

3.1 UM OLHAR FEMININO, UMA ESPERANÇA COMO ASPECTO CONCLUSIVO

Havia questões cruciais para a vida da Igreja num futuro próximo. Entre elas, a missão e a situação das mulheres na Igreja chamavam a atenção. Aparecida já havia assinalado essa urgência neste *locus* onde somos a maioria (Documento de Aparecida, 455), mas que frequentemente silenciadas em falas não ocupam as esferas de decisão. Notou-se que nem sempre tal discussão era ouvida, mas precisava da insistência para que o tema fosse discutido. É a nossa persistência mostrava a nossa missão de batizadas, tarefa primordial da Igreja e modelo inspirador da Igreja em Aparecida: “A Igreja está chamada a repensar profundamente e a relançar com fidelidade e audácia sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais” (Documento de Aparecida, 11).

Não podendo ocupar o mesmo lugar dos homens nas instâncias eclesiásticas, ficava evidente que, en-

quanto não formos respeitadas em nossa igual dignidade de batizadas, não conseguiremos buscar o exercício da nossa plena autonomia ministerial e, como leigas, teremos dificuldades para o exercício da nossa missão no Povo de Deus, que deve se estender a todo o mundo e por todos os tempos (LG, 13).

Desta feita, a abertura proposta pelo Papa Francisco nos dá esperanças, afinal, mesmo onde havia certa tendência de manutenção de estruturas eclesiais obsoletas, injustas, masculinizadas, voltadas mais aos âmbitos internos da Igreja, a AE mostrou caminhos a serem trilhados.

Dentre os doze desafios finais, três nos deram esperanças: “Promover a participação ativa das mulheres em ministérios, órgãos governamentais, discernimento e tomada de decisões eclesiais”; “reformatar os itinerários formativos nos seminários, incluindo temas como ecologia integral, povos nativos, enculturação e interculturalidade e pensamento social da Igreja”; ouvir o grito dos pobres, excluídos e descartados”. Da convocatória da AE por Francisco sob o lema da sinodalidade até as demais assembleias a se realizarem em Roma, todos os eventos sinodais nos impelem a caminhar juntos e a transformar o cenário da Igreja. Isto significa romper estruturas obsoletas, ouvir o silêncio das pessoas descartadas e respeitar a dignidade batismal de todas e todos. Estes fatores nos dizem muito do que ainda temos pela frente.

REFERÊNCIAS

BRIGHENTI, Agenor. **A conversão pastoral integral: os quatro sonhos proféticos**. Conferência na AE de 23/11/2021. México: Celam, 2021.



COMBLIN, José. O projeto de Aparecida. **Revista Vida Pastoral**. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/documentos-e-concilios/o-projeto-de-aparecida/>. Acesso em: 6 dez. 2021.

COMPÊNDIO DO CONCÍLIO VATICANO II. **Constituições, Decretos, Declarações**. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

DOCUMENTO DE APARECIDA. **Texto Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe**. Edições CNBB; Paulus - Paulinas. 2007.

FRANCISCO, Papa. **Exortação apostólica *Evangelii gaudium*. A alegria do Evangelho**: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2013.

VATICAN NEWS. Mensagem do Papa para a Assembleia Eclesial da América Latina e Caribe. **Vatican News**. 2021. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-01/mensagem-papa-assembleia-celam-trujillo.html>. Acesso em: 5 dez. 2021.

Ivenise T. Gonzaga Santinon



Ivenise Santinon possui graduação e mestrado em Teologia e doutorado em Ciências da Religião. Leciona na Faculdade de Teologia da PUC-Campinas e assessora a Comissão Pastoral para o Laicato da CNBB.

Leigos e leigas, ministérios e uma Igreja sinodal

Laity, Ministries and a Synodal Church

Maria Inês de Castro Millen

Doutora em Teologia e membra da RBT
e do Observatório Eclesial Brasil

Resumo: Este artigo tem como foco a participação de leigos e leigas na Igreja em tempos de um processo sinodal que traz a característica de propor e trabalhar a partir da ideia do “caminhar juntos”. Os ministérios na Igreja ainda são vistos e tratados como lugares de prestígio reservado a alguns. Fazer acontecer a sinodalidade para recuperar a participação efetiva de todos e todas requer um trabalho que envolve a mudança de mentalidade e a transformação do modo de ser Igreja. A reflexão a ser feita vai seguir algumas pautas assim nomeadas: a Igreja Sinodal, a Pirâmide invertida e os Ministérios leigos. A Igreja Sinodal é aquela que trabalha com a proposta do diálogo que implica a coragem não só de falar, mas também de escutar. Ela precisa ter a coragem não só de inverter a pirâmide, mas de horizontalizá-la para que juntas e juntos, como Povo de

Deus que caminha possamos mudar estruturas que já não funcionam e criar outras perspectivas, mais evangélicas, para que o Reino realmente aconteça. Com essa esperança afirmamos que os leigos/as representam a grande maioria do povo de Deus que não deve ser silenciosa. Leigos e leigas precisam ser reconhecidos como protagonista, pois o Espírito Santo derrama sobre todos os batizados carismas e ministérios para a edificação da Igreja e para a evangelização do mundo. Assim, o objetivo desse processo Sinodal não é apenas fazer uma série de exercícios que começam e param, mas construir um caminho de crescimento autêntico rumo à comunhão e à missão que Deus chama a Igreja a viver no terceiro milênio.

Palavras-chave: Sinodalidade. Ministérios. Leigos e Leigas.

Abstract: This article focuses on the participation of laity men and women in the Church in times of a synodal process that brings the characteristic of proposing and working from the idea of “walking together”. Ministries in the Church are still seen and treated as places of prestige reserved for a few. Making synodality happen in order to recover the effective participation of all requires work that involves changing mentality and transforming the way of being Church. The reflection to be made will follow some guidelines named as follows: the Synodal Church, the inverted Pyramid and the lay ministries. The Synodal Church is the one that works with the proposal of dialogue that implies the courage not only to speak, but also to listen. It needs to have the courage not only to invert the pyramid, but to horizontalize it so that together, as

the People of God who walk, we can change structures that no longer work and create other, more evangelical perspectives, so that the Kingdom really happens. With this hope, we affirm that the laity, men and women, represent the vast majority of the people of God, who must not be silent. They need to be recognized as protagonists, because the Holy Spirit pours out charisms and ministries on all the baptized for the edification of the Church and for the evangelization of the world. Thus, the goal of this synodal process is not just to make a series of exercises that begin and stop, but to build a path of authentic growth toward the communion and mission that God calls the Church to live in the third millennium.

Keywords: Synodality. Ministries. Lay men and women.

INTRODUÇÃO

Refletir sobre leigos e leigos e sobre ministérios em uma Igreja que se pretende sinodal é um grande desafio para esse momento da história da Igreja. Minha experiência como teóloga e professora de teologia para seminaristas e leigos/as por quase trinta anos me autoriza a dizer algumas coisas. Ciente da complexidade das questões referentes ao ministério das mulheres e dos leigos, sobretudo quando a proposta de uma escuta da realidade sociorreligiosa que traduza um caminho conjunto se faz desejada, pelo menos em tese, assumo uma reflexão a partir de três pontos, que apresentarei brevemente.

Eles estão assim nomeados: a Igreja sinodal, a Pirâmide invertida e os Ministérios leigos.

A IGREJA SINODAL

Sinodalidade é uma palavra derivada de sínodo, que em grego significa caminhar juntos. Isso significa um modo de ser comunidade, já vivido e proposto por Jesus de Nazaré há mais de dois mil anos e que a Igreja, infelizmente, por diversas razões que podem ser elencadas, ainda não conseguiu colocar em prática. A sinodalidade expressa, pois, a participação e a comunhão de leigos, pastores e bispo de Roma em vista da missão para a qual somos chamados.

A retomada dessa proposta pelo Papa Francisco aponta para um processo que nos conclama a reaprender a trabalhar juntos, apoiando-nos mutuamente, pois a história nos mostra que esquecemos como é que se faz isso. Precisamos caminhar e trabalhar juntos inclusive e, principalmente, com aqueles que não contam e também com os que não concordam conosco. Vivemos em um mundo plural e não se pode mais deixar de reconhecer que só é possível construir a unidade respeitando e acolhendo a diversidade. No entanto, o próprio papa está ciente e nos alerta que o conceito de sínodo é “fácil de exprimir em palavras, mas não de ser colocado em prática”.¹

A Comissão Teológica Internacional (CTI) produziu um documento intitulado “A sinodalidade na vida e na missão da Igreja”, publicado em 2018, que no seu parágrafo 111 diz:

O diálogo sinodal implica a coragem tanto no falar quanto no escutar. Não se trata de se engajar em um debate no qual um interlocutor procura sobrepujar os outros ou rebater suas posições com argumentos contundentes, mas de expressar com respeito aquilo que se

¹ Francisco (2015, s.p.).

percebe em consciência sugerido pelo Espírito Santo como útil em vista do discernimento comunitário, abertos ao mesmo tempo a colher aquilo que nas disposições dos outros é sugerido pelo mesmo Espírito “para o bem comum” (1Cor 12,7).

O critério segundo o qual “a unidade prevalece sobre o conflito” vale de modo específico para o exercício do diálogo, para a gestão das diversidades de opiniões e de experiências, para aprender “um estilo de construção da história, um âmbito vital onde os conflitos, as tensões e os opostos podem alcançar uma pluriforme unidade que gera nova vida”, tornando possível o desenvolvimento de “uma comunhão nas diferenças”. O diálogo oferece, de fato, a oportunidade de adquirir novas perspectivas e novos pontos de vista para iluminar o exame do tema em discussão.

Trata-se de exercitar um “modo relacional de olhar o mundo, que se torna conhecimento compartilhado, visão na visão do outro e visão comum sobre todas as coisas”.²

Com isso, é possível dizer que viver a sinodalidade consiste na disposição de escutar uns aos outros e de dialogar sobre assuntos que dizem respeito a toda a Igreja, esperando que essa experiência suscite uma mudança de mentalidade e uma mudança de comportamento que deem lugar a uma mudança de estrutura. Esta é uma proposta necessária, pois retoma o cristianismo na sua fonte, mas não podemos achar que seja uma proposta de fácil concretização, em virtude dos muitos modos de ser Igreja aos quais estamos acostumados.

Sabemos que mudar a mentalidade é um processo demorado. Supõe humildade e conversão. A mesma CTI adverte: “Sem a conversão do coração e da mente”
2 Comissão Teológica Internacional (2018, §111).

e sem treinamento acético para a acolhida e a escuta recíproca, a pouquíssimos serviriam os instrumentos externos da comunhão, que poderiam, ao contrário, serem transformados em simples máscaras sem coração nem rosto”.³ Esse é um perigo real a que estamos sujeitos. Mudanças externas só para constar e fazer parecer que estamos caminhando juntos podem minar todo o processo desencadeado.

A intenção de Francisco é muito boa: seu propósito é demonstrar que não podemos mudar efetivamente as estruturas sem transformar o modo de viver e habitar nelas. Ele afirma:

Uma Igreja sinodal é uma Igreja da escuta, ciente de que “escutar é mais do que ouvir”. É uma escuta recíproca, onde cada um tem algo a aprender. Povo fiel, Colégio Episcopal, Bispo de Roma: cada um à escuta dos outros; e todos à escuta do Espírito Santo, o “Espírito da verdade” (Jo 14, 17), para conhecer aquilo que Ele “diz às Igrejas” (Ap 2, 7).

Um projeto que crê que o fato de cada um se colocar à escuta dos outros e todos se colocarem à escuta do Espírito Santo constitui uma proposta de mudança fundamental para o modo de ser e viver a Igreja e é revolucionário para esse tempo. Mas a quem interessa a mudança? Essa é uma questão a ser investigada.

Uma palavra muito cara ao Papa Francisco é discernimento. Na perspectiva da sinodalidade, ele nos pede para recuperarmos o discernimento comunitário, aquele que nos permite escutar e decidir a partir de situações históricas determinadas. Volto ao texto da CTI:

O discernimento comunitário implica a escuta atenta e corajosa dos “gemidos do Espírito”

3 Comissão Teológica Internacional (2018, §107).

(Rm 8,26) que abrem caminho por meio do grito, explícito ou mesmo mudo, que sobe do povo de Deus: “escuta de Deus, até ouvir com Ele o grito do povo; escuta do povo, até respirar aí a vontade para qual Deus nos chama”.⁴

Penso que aqui uma observação se faz necessária. Citei algumas vezes o documento produzido pela CTI. Um texto de 121 parágrafos que tem alguns pontos interessantes, mas no todo, a meu ver, infelizmente mais parece querer reafirmar a autoridade, a missão e o poder dos bispos. Nele, a palavra ‘bispo’, no singular, aparece 133 vezes e, no plural, 85 vezes. A palavra ‘leigo’, no singular, aparece 14 vezes, assim como aparece por 14 vezes no plural. Não há como perceber que o descompasso é muito grande para um texto que pretende propor um caminho conjunto, de escuta recíproca.

Eu gostaria de pensar ainda o lugar e o papel dos sínodos na Igreja. De acordo com Arnaud Join-Lambert, “os sínodos não despertam muito interesse, porque basicamente nada de muito novo sai deles”.⁵

E isso é verdade, porque as pessoas ficam esperando por mudanças ou confirmações do já existente que venham da hierarquia. E o que a gente percebe é que sempre foi assim mesmo. Existem até conselhos e grupos nas bases que discutem e refletem, mas depois o bispo ou o papa decidem o que mais lhes convém, e as pessoas acatam ou não.

O mais interessante é que, quando não acontece assim, as pessoas reclamam, porque esperavam uma palavra definitiva vinda da autoridade competente. Isso aconteceu com a recepção ao texto da *Amoris laetitia*,

4 Comissão Teológica Internacional (2018, §114).

5 Joim-Lambert (2021, s.p.).

uma exortação pós-sinodal (resultante de dois sínodos e muitas consultas) escrita por Francisco. A opção do papa pelo discernimento pastoral, que nasce da escuta de todas as pessoas e de todas as circunstâncias da vida, não pareceu a muitos apropriada. Infelizmente essa ainda é a mentalidade tanto dos leigos como do clero. Querem que tudo seja preto ou branco. Não conseguem enxergar os vários tons de cinza que existem entre o preto e o branco. Isso para não dizer da dificuldade para com a multiplicidade de cores apresentada pela vida.

Essa percepção nos leva a uma constatação. O que o papa disse em 2015, antes da publicação da *Amores laetitia*, parece não ter sido escutado, talvez nem lido. Vejam:

Na exortação apostólica *Evangelii gaudium*, sublinhei como “o povo de Deus é santo em virtude desta união, que o torna infalível “*in credendo*”, acrescentando que “cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito ativo de evangelização, e seria inapropriado pensar num esquema de evangelização realizado por agentes qualificados enquanto o resto do povo fiel seria apenas receptor das suas ações”. O *sensus fidei* impede uma rígida separação entre *Ecclesia docens* e *Ecclesia discens*, já que também o Rebanho possui a sua “intuição” para discernir as novas estradas que o Senhor revela à Igreja.⁶

Infelizmente, prestar atenção à “intuição” do rebanho nem sempre faz parte do caminho da Igreja institucional. Hoje, na perspectiva do Sínodo sobre a sinodalidade, poderíamos colocar algumas perguntas: o que as pessoas em geral sabem sobre esse Sínodo? As

6 Francisco (2015, s.p.).

dioceses se empenharam em divulgá-lo para todas as pessoas, incluindo os pobres, os que não são católicos, os excluídos? Quem teve acesso às perguntas? Os leigos e leigas católicos escolhidos recebem as perguntas do modo como elas foram feitas ou do modo como as autoridades locais acham que eles devem receber?

O que se percebe é que os leigos e leigas, a não ser alguns muito vinculados à Igreja, não têm acesso, até por desconhecimento de que eles existem, ao Documento Preparatório e ao vade-mécum sobre o Sínodo, que estão, inclusive, disponíveis na internet. É possível também perceber que alguns bispos selecionaram ou rearranjaram as perguntas e de alguma forma desviaram o rumo daquilo que o papa havia pedido.

É triste constatar isso, mas é a realidade.

O Documento Preparatório para o Sínodo de 2023, no segundo parágrafo diz assim:

Uma interrogação fundamental impele-nos e orienta-nos: como se realiza hoje, a diferentes níveis (do local ao universal) aquele “caminhar juntos” que permite à Igreja anunciar o Evangelho, em conformidade com a missão que lhe foi confiada; e que passos o Espírito nos convida a dar para crescer como Igreja sinodal? Enfrentar juntos esta interrogação exige que nos coloquemos à escuta do Espírito Santo que, como o vento, “sopra onde quer; ouves o seu ruído, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai” (Jo 3, 8), permanecendo abertos às surpresas para as quais certamente nos predisporá ao longo do caminho.⁷

7 Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos. Documento Preparatório para a XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, 07-09-2021. *Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão*, § 2. Disponível em: <https://encurtador.com.br/HAVZ2>.

Podemos observar que o parágrafo 26, do mesmo documento, repete a interrogação fundamental que orienta essa consulta ao Povo de Deus e diz ainda:

Para dar uma resposta, sois convidados a:

1. perguntar-vos que experiências da vossa Igreja particular a interrogação fundamental vos traz à mente?
2. reler estas experiências mais profundamente: que alegrias proporcionaram? Que dificuldades e obstáculos encontraram? Que feridas fizeram emergir? Que intuições suscitaram?
3. colher os frutos para compartilhar: onde, nestas experiências, ressoa a voz do Espírito? O que ela nos pede? Quais são os pontos a confirmar, as perspectivas de mudança, os passos a dar? Onde alcançamos um consenso? Que caminhos se abrem para a nossa Igreja particular?⁸

A sensação que tenho nesse momento, a partir da observação do que está acontecendo, é que a pouca informação da maioria sobre o processo sinodal e sobre o que ele espera de cada um e de todos e todas prejudicará a concretização do projeto proposto por Francisco. Não tenho muitas expectativas positivas para curto e médio prazo, embora não me falte a esperança de que o Espírito que conduz a Igreja pode muito mais do que nós.

A PIRÂMIDE INVERTIDA

Essa expressão foi utilizada por Francisco na Co-memoração do Cinquentenário da Instituição do

8 Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos. Documento Preparatório para a XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, 07-09-2021. *Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão*, § 26.

Sínodo dos Bispos em 2015. Vou reproduzir dois parágrafos do texto, que falam disso, pois suas palavras são extremamente importantes para a compreensão do que estamos refletindo aqui:

Jesus constituiu a Igreja, colocando no seu vértice o Colégio Apostólico, no qual o apóstolo Pedro é a “rocha” (cf. Mt 16, 18), aquele que deve “confirmar” os irmãos na fé (cf. Lc 22, 32). Mas nesta Igreja, como numa pirâmide invertida, o vértice encontra-se abaixo da base. Por isso, aqueles que exercem a autoridade chamam-se “ministros”, porque, segundo o significado original da palavra, são os menores no meio de todos. É servindo o Povo de Deus que cada bispo se torna, para a porção do Rebanho que lhe está confiada, *vicarius Christi*, vigário daquele Jesus que, na Última Ceia, Se ajoelhou a lavar os pés dos Apóstolos (cf. Jo 13, 1-15). E, num tal horizonte, o Sucessor de Pedro nada mais é do que *servus servorum Dei*. Nunca nos esqueçamos disto! Para os discípulos de Jesus, ontem, hoje e sempre, a única autoridade é a autoridade do serviço, o único poder é o poder da cruz, segundo as palavras do Mestre: “Sabeis que os chefes das nações as governam como seus senhores, e que os grandes exercem sobre elas o seu poder. Não seja assim entre vós. Pelo contrário, quem entre vós quiser fazer-se grande, seja o vosso servo; e quem no meio de vós quiser ser o primeiro, seja vosso servo” (Mt 20, 25-27). “Não seja assim entre vós”: nesta frase, chegamos ao próprio coração do mistério da Igreja – “não seja assim entre vós” – e recebemos a luz necessária para compreender o serviço hierárquico.⁹

O padre França Miranda, em um diálogo teológico sobre a sinodalidade, retoma a fala do Papa Francisco para dizer da “potente e revolucionária metáfora da

9 Francisco (2015, s.p.).

pirâmide invertida”.¹⁰

Eu diria, ousadamente, que essa imagem é realmente poderosa, mas não resolve a questão da sinodalidade. Precisamos, com criatividade, ainda dar mais um passo. Francisco nos abre o caminho. Na verdade, o que precisamos é ter a coragem de eliminar a pirâmide, para que todos estejam num mesmo plano. Sinodalidade tem a ver com horizontalidade, que significa uma Igreja trinitária, pericorética. ‘Pericorese’ é uma palavra importante que expressa as relações trinitárias e que deveria expressar também as nossas relações. Ela aponta para a brincadeira de roda, na qual a cada vez, seguindo a música regida pelo maestro Paraclito, é uma pessoa que está no centro, conduzindo a brincadeira. Precisamos ter a coragem de dançarmos juntos, no mesmo nível, olho no olho, dando vez e voz a todos e a todas.

A peculiaridade da sinodalidade na Igreja é que ela não está situada em uma lógica hierárquica, onde uns mandam e outros obedecem, mas em uma lógica de ministérios e funções a serviço do Reino, sem privilégios, honras e prestígios dados pela hierarquização. Uma lógica onde não é necessário ter uma autoridade para implantar ideias, nem obter a maioria para fazer triunfá-las. O grande desafio é dar lugar à voz pequena, à voz marginal, porque a história da Igreja e da Bíblia ensina que essa voz pequena pode ser profética e que não necessariamente é o maior ou a massa que têm razão. Não podemos esquecer que a massa e os chefes religiosos do povo condenaram e mataram Jesus.

10 Miranda (2019).

OS MINISTÉRIOS LEIGOS

Francisco, desde o início de seu ministério, na *Evangeli gaudium*, falou precisamente do protagonismo que os leigos devem ter em uma Igreja sinodal e missionária. Afirmou que os leigos representam a grande maioria do povo de Deus e são uma maioria que não deve ser silenciosa, mas protagonista. Isso porque o Espírito Santo derrama sobre todos os batizados carismas e ministérios para a edificação da Igreja e para a evangelização do mundo.

O que uma mudança de mentalidade, inspirada pelo Espírito, influenciaria nos ministérios leigos? Muitos estão preocupados ou pensando só nos ministérios instituídos. Ficaram felizes que os leigos e as leigas agora podem receber o ministério de leitores/as e acólitos/as, além dos já existentes. Há também um movimento em prol da ordenação das mulheres, em princípio para o diaconato. Confesso que isso não me convence como caminho para a sinodalidade se mantido o modelo de Igreja existente, pois, nesse caso, o que acontece é que os leigos/as se clericalizam e começam a disputar privilégios e cargos. Na maioria das vezes, com uma formação precária, continuam à mercê da hierarquia, esperando que o clero permita que eles/as recebam algum ministério e realizem alguma coisa na Igreja. A clericalização dos leigos pode se tornar um movimento antissinodal ao contribuir para a hierarquização deles. O que pode acontecer é que uns sejam colocados como atores principais e os outros continuem infantilizados, sem serem escutados, sem serem sujeitos, sem o protagonismo que se espera deles.

Acredito que existem carismas e funções diferentes e que estes devem continuar sendo considerados,

sem excluir ninguém. Um “caminhar juntos” significa que todos possam desenvolver esses dons e carismas ali onde estão, na sua condição, para o bem do Reino, como protagonistas, como sujeitos autônomos, capazes de, em consciência, juntamente com outros/as, buscarem a capacidade de discernimento e de decisões que contemplem o bem comum. Quero destacar aqui a importância da formação e da reciprocidade das consciências nesse processo da sinodalidade. Em *Amoris laetitia*, o Papa Francisco diz: “somos chamados a formar consciências e não a pretender substituí-las”.¹¹ Consciências bem formadas ajudam no processo de maturidade das pessoas e na possibilidade de darem passos por si mesmas, escolhendo o que melhor lhes convém, não só para o seu próprio benefício, mas para o bem comum. Consciências que dialogam, escutando com atenção e falando o necessário, podem chegar a discernimentos importantes para a construção de um mundo mais harmônico e pacificado.

Eu queria ainda apontar uma outra intuição do Papa Francisco, de extrema relevância para a nossa temática. Na exortação *Evangelii gaudium*, a primeira de seu pontificado, que pode ser considerada como aquela que traz a indicação de seu projeto para a Igreja, apresentado a partir da missão que lhe foi confiada, ele diz uma palavra para os bispos, mas que serve para todos os que exercem alguma liderança na Igreja:

O Bispo deve favorecer sempre a comunhão missionária na sua Igreja diocesana, seguindo o ideal das primeiras comunidades cristãs, em que os crentes tinham um só coração e uma só alma (cf. Atos 4, 32). Para isso, às vezes pôr-se-á à frente para indicar a estrada e sustentar a esperança do povo, outras

11 Francisco (2016, §37).

vezes manter-se-á simplesmente no meio de todos com a sua proximidade simples e misericordiosa e, em certas circunstâncias, deverá caminhar atrás do povo, para ajudar aqueles que se atrasaram e sobretudo porque o próprio rebanho possui o olfato para encontrar novas estradas.¹²

Sem essa nova disposição, que significa uma mentalidade renovada, continuaremos a discutir, a produzir textos elaborados, teorias esplêndidas, mas as coisas continuarão como sempre, porque a realidade é outra e ela deve ser superior às ideias, como nos indica Francisco. É preciso reconhecer que abrir mão do poder de comandar, de estar sempre à frente é muito difícil, pois exige renunciar ao eu egóico em um mundo de vaidades exacerbadas, que privilegia o individualismo e o sucesso pessoal. Isso associado também ao fato de que algumas pessoas acham que ser comandado é mais fácil, pois não demanda muito esforço e preferem continuar seguindo como massa informe que só faz o que lhe mandam. Assim, tudo permanece como antes e as estruturas não se transformam.

Precisamos reconhecer que ainda não entramos em uma nova forma de compartilhar, discernir e decidir na Igreja. Isso também é verdade para os pequenos grupos que estão nas paróquias, nos movimentos e nas dioceses. Em alguns lugares, as experiências sinodais não foram satisfatórias, provavelmente porque o *modus operandi* se distanciava de uma espiritualidade da comunhão. Sem uma conversão pastoral e missionária, a sinodalidade proclamada e desejada não chegará muito longe.

Uma outra consideração a ser feita é que, por falta

12 Francisco (2013, §31).

de motivação das pessoas ou por elas terem passado pela experiência de não terem sido ouvidas várias vezes, elas preferem envolver-se em outros lugares, mas não mais nas estruturas eclesiais. Algumas pessoas chegam a dizer: “Não fui eu que me afastei da Igreja, foi a Igreja que se afastou de mim”. A passividade, o afastamento, a não consideração da instituição podem ser a origem, mas também o resultado do fracasso de um projeto de Igreja ultrapassado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir essa pequena reflexão, retomo a consideração já feita de que a sinodalidade não é tanto um acontecimento ou um *slogan*, mas um estilo e uma forma de ser pelo qual a Igreja vive a sua missão no mundo. Neste sentido, é evidente que o objetivo deste Sínodo não é produzir mais documentos. Pelo contrário, como diz o Documento Preparatório, o Sínodo destina-se a

[...] fazer germinar sonhos, suscitar profecias e visões, fazer florescer a esperança, estimular confiança, enfaixar feridas, entrançar relações, ressuscitar uma aurora de esperança, aprender uns dos outros e criar um imaginário positivo que ilumine as mentes, aqueça os corações, restitua força às mãos.¹³

Desse modo, somos convocados a inspirar as pessoas a sonhar com a Igreja que somos chamados a ser, a fazer florescer as esperanças que nos animam, a estimular a confiança de quantos estão abatidos, a tratar as feridas das pessoas, que são muitas, a tecer relações novas e mais profundas, a aprender uns com os outros, a construir pontes, a iluminar mentes, a aquecer cora-

13 Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos (2023, § 32).

ções com o fogo do amor esperançado e a dar força de novo às nossas mãos para a realização de nossa missão comum.

Assim, o objetivo desse processo Sinodal não é apenas fazer uma série de exercícios que começam e param, mas construir um caminho de crescimento autêntico rumo à comunhão e à missão que Deus chama a Igreja a viver no terceiro milênio.

Esse caminho em conjunto constitui um clamor para que renovemos mentalidades e, por conseguinte, renovemos também as estruturas eclesiais, a fim de vivermos, a partir dos atuais sinais dos tempos, aquilo que Deus espera de cada um de nós. Ouvir o clamor dos pobres e o clamor da terra é fundamental nesse momento da história.

Retomo aqui o lema de Dom Paulo Evaristo Arns: “De esperança em esperança...”. Sem a esperança que nos anima no caminho, nem sempre fácil, sem a escuta do Espírito que nos conduz, não conseguiremos ir muito longe. Caminhar juntos, escutando uns aos outros, e todos escutando o Espírito que sopra sem cessar, é a única alternativa para nos salvarmos como humanidade que sonha com dias melhores, de reconciliação e de paz.

REFERÊNCIAS

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL (CTI). A sinodalidade na vida e na missão da Igreja. Vaticano. 2018. Disponível em: <https://encurtador.com.br/G3HKH>

FRANCISCO, Papa. Exortação apostólica *Evangelii gaudium*. Vaticano. 2013. Disponível em: <https://encurtador.com.br/JCnmw>

FRANCISCO, Papa. Comemoração do cinquentenário da Instituição Sínodo dos Bispos. Vaticano. 2015. Disponível em: <https://encurtador.com.br/iZiFK>

FRANCISCO, Papa. Exortação apostólica pós-sinodal *Amoris laetitia*. Vaticano. 2016. Disponível em: <https://encurtador.com.br/JUxK6>

JOIM-LAMBERT, Arnaud. Sínodo sobre a sinodalidade. “Não há alternativa real para a Igreja e o mundo de hoje”. Instituto Humanitas Unisinos – IHU. 2011. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/sobre-o-ihu/78-noticias/612989-sinodo-sobre-a-sinodalidade-nao-ha-alternativa-real-para-a-igreja-e-o-mundo-de-hoje-entrevista-com-arnaud-join-lambert>

MIRANDA, Mario França. Sinodalidade. YouTube. 2019. Em conversa com Suzi teóloga. Disponível em: https://youtu.be/oXYjPMa09_0

SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS. Documento Preparatório para a XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos. 2021. Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão. Vaticano. 2021. Disponível em: <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2021/09/07/0540/01156.html#PORTOGHESEOK>

Maria Inês de Castro Millen



Maria Inês de Castro Millen. Leiga, casada, mãe, avó, médica, doutora em Teologia, sócia da SBTM e da SOTER, membra da RBT e do Observatório Eclesial Brasil, perita do INAPAZ, CNBB e professora emérita de Teologia Moral.

Sinodalidade e diferença de gênero. O caminho conjunto de homens e mulheres

Synodality and Gender Difference. The Joint Path of Men and Women

Maria Clara Lucchetti Bingemer

Doutora em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana e Professora Titular no Departamento de Teologia da PUC-Rio

Resumo: Neste texto vamos analisar como a proposta da sinodalidade pode ajudar a uma maior integração entre homens e mulheres na Igreja. Neste esforço de caminhar juntos, as mulheres têm um papel importante a desempenhar. A sociedade ocidental, e especialmente a latino-americana, tem um marcado cunho machista em todos os âmbitos: familiar, profissional, social e eclesial, o que dificulta a sinodalidade. Isso fez com que as diferenças e as características próprias das mulheres fossem de certa forma excluídas ou pelo menos escondidas. E com isso toda a Igreja foi empobrecida. Aqui nos deteremos na história dessa dívida pendente em relação às mulheres daquela sociedade e, sobretudo, daquela Igreja. A partir daí, levantaremos algumas pistas teológicas que, esperamos, possam contribuir para a construção de uma Igreja

mais sinodal, como deseja e pede o Papa Francisco.

Palavras-chave: Sinodalidade. Mulheres. Igreja. Deus. Teologia feminista.

Abstract: This study aims to explore how the concept of synodality can enhance the integration of men and women within the Church. Within this collective journey, the role of women is crucial. However, it is important to recognize that Western society, particularly in Latin America, is characterized by pervasive machismo across various domains—familial, professional, social, and ecclesiastical. This cultural context presents significant challenges to the realization of synodality. The marginalization or suppression of women’s unique contributions and characteristics has, in turn, resulted in a significant impoverishment of the Church as a whole. This analysis will focus on the historical and ongoing marginalization of women within this societal and ecclesial framework. Furthermore, it will propose theological perspectives aimed at addressing these issues, with the goal of contributing to the development of a more synodal Church, in alignment with the vision advocated by Pope Francis.

Keywords: Synodality. Women. Church. God. Feminist theology.

A sinodalidade está na ordem do dia. Ela quer alcançar todas as questões e tratar delas dentro e fora da Igreja. A questão das mulheres não pode ser deixada de lado, sobretudo quando se torna claro que a Igreja Católica é, de certa forma, masculina. O seu rosto e a sua visibilidade são masculinos. Como desmasculinizar a Igreja é a questão que levantamos aqui.

A palavra ‘sinodalidade’ é antiga e muito presente na Tradição da Igreja. Desde o Concílio Vaticano II, o conceito e a expressão têm vindo a ganhar cada vez mais relevo.

O documento da Comissão Teológica Internacional sobre a sinodalidade, publicado em maio de 2018, começa com uma frase do Papa Francisco: “O caminho da sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio”.¹ E embora o termo não tenha sido usado em nenhum documento do Vaticano II, o que ele expressa “está no centro do trabalho de renovação proposto por ele”. Daí a importância de abordar as suas implicações para a vida e a missão da Igreja.

A palavra sínodo, explica o documento, “é uma palavra antiga e venerada na Tradição da Igreja [...] composta pela preposição σύν, com, e pelo substantivo, ὁδός, caminho. Indica o caminho feito pelo Deus Povo unido”. Lembra inevitavelmente como Jesus se apresenta como “caminho, verdade e vida” e como seus seguidores foram chamados de “discípulos do caminho”. Por isso, a sinodalidade não é mais do que “caminhar juntos” como Igreja. Ela exprime um modo de viver e de agir da Igreja, Povo de Deus, que se manifesta “no caminhar juntos, no reunir-se em assembleia”

1 COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. A sinodalidade na vida e na missão da Igreja. **Vaticano**. 2018. Disponível em: <https://encurtador.com.br/il4lR>

e na participação ativa de todos os seus membros na sua missão evangelizadora”.

A sinodalidade propõe, assim, não apenas uma reflexão teórica sobre a Igreja, mas faz uma proposta concreta de um modelo para que a própria Igreja seja o que deve ser. Exige uma conversão que visa, antes de mais, a conversão da Igreja. Exige uma conversão que visa, antes de mais, a própria Igreja, mas que, a partir dela, possa chegar às pessoas, aos grupos, às famílias, às sociedades, aos países e até a ordem mundial, na justiça e na paz, na solidariedade e na misericórdia.

Neste texto, vamos analisar como a proposta da sinodalidade pode ajudar a uma maior integração entre homens e mulheres na Igreja. Neste esforço de caminhar juntos, as mulheres têm um papel importante a desempenhar. A sociedade ocidental, e especialmente a latino-americana, tem um marcado cunho machista em todos os âmbitos: familiar, profissional, social e eclesial, o que dificulta a sinodalidade. Isso fez com que as diferenças e as características próprias das mulheres fossem de certa forma excluídas ou pelo menos escondidas. E com isso toda a Igreja foi empobrecida. Aqui nos deteremos na história dessa dívida pendente em relação às mulheres daquela sociedade e, sobretudo, daquela Igreja. A partir daí, levantaremos algumas pistas teológicas que, esperamos, possam contribuir para a construção de uma Igreja mais sinodal, como deseja e pede o Papa Francisco.

A sinodalidade pode de fato trazer avanços reais para a visibilidade das mulheres na Igreja, para desmasculinizá-la? Como uma Igreja sinodal pode contribuir para que isso aconteça ou, melhor ainda, como esse acontecimento é indispensável para a construção

de uma Igreja sinodal?

A HISTÓRIA DAS MULHERES NA IGREJA: MAL-ENTENDIDOS E REENCONTROS

O ar fresco da emancipação das mulheres no Ocidente cristão e na América Latina, em particular, não soprou inicialmente das Igrejas. Foi a partir do próprio processo de secularização e no seio de lutas muito concretas e profanas (sufrágio, salário, horário de trabalho, sexualidade, direitos do corpo) que as mulheres começaram a “sair” do espaço privado doméstico em que estavam confinadas em direção ao espaço público, atuando nas estruturas sociais, na política, na produção econômica e cultural.

A emergência e o reconhecimento da mulher no mundo cristão têm apenas seis décadas. Após o grande acontecimento do Concílio Vaticano II, a voz feminina começou a fazer-se ouvir cada vez mais, reivindicando a ocupação de espaços dentro da Igreja e concretizando-a efetivamente. Seja assumindo a coordenação de comunidades a diferentes níveis, seja questionando a impossibilidade de acesso ao ministério sacerdotal reservado apenas aos homens, seja ainda produzindo uma reflexão teórica sobre a experiência religiosa e os conteúdos doutrinários da fé cristã a partir da sua própria perspectiva de mulher, o fato é que hoje não é mais possível pensar Deus, a revelação e a fé – ou seja, fazer teologia – sem ter em conta a contribuição feminina. Autoras como Elizabeth Johnson, Lisa Cahill e outras, nos Estados Unidos; Nuria Gayol, Cettina Militello, Serena Nocetti na Europa; ou Azcuy e Ivone Gebara, na América Latina, são presenças relevantes no pensamento e na exposição da inteligência da fé. O

silenciamento da palavra das mulheres está ao fundo das dificuldades que tiveram as pioneiras da teologia feita pelas mulheres.

A teologia feminista nos Estados Unidos levantou questões sobre a linguagem patriarcal sobre Deus. Nas décadas de 1960 e 1970, o movimento feminista participou de recriminações antipatriarcais e antiautoritárias numa crítica que não deixava de fora a religião e a teologia. Nasce então uma teologia feminista. O conteúdo desta teologia é a denúncia da concepção patriarcal de Deus e da linguagem que dela deriva. A reflexão teológica feminista despede-se, assim, do patriarcado, da operação mistificadora que atribuiu um valor universal ao masculino, esquecendo a importância não só da metade feminina da humanidade, mas também de cada pessoa na sua singularidade e totalidade. Esta atitude prática e cognitiva deu peso e espaço, na sucessão histórica e hermenêutica, ao masculino como paradigma maior do ser humano. Uma nova hermenêutica do feminino estava então em ação também no campo teológico, da qual um dos êxitos radicais foi a acusação de uma ordem institucional-religiosa culpada de impor a todos a afirmação: “Deus é macho, então o macho é Deus”.

Para além de Deus Pai é o título significativo do livro com a qual, no início dos anos 70, Mary Daly declarou a impossibilidade de uma conciliação entre cristianismo e antipatriarcalismo e proclamou a instauração de um novo e diverso simbolismo religioso.² O pai “assassinado” pelo feminismo é o modelo de ser e de agir patriarcal com o qual o homem se identificou em nome de Deus.

2 DALY, Mary. **Beyond God the Father**. Nova York: Orbis, 1974.

Kari Elizabeth Borresen, por sua vez, critica a antropologia teológica de dois mestres da Igreja, Agostinho e Tomás de Aquino, argumentando que a concepção da civilização ocidental e cristã é marcadamente androcêntrica. Ou seja, ao juntar os dois relatos bíblicos da Criação do homem, o javista (Gn 2,18-24) e o posterior sacerdotal (Gn 1,26-27), como sendo um único e mesmo relato, a criação é interpretada no sentido de uma relação hierárquica entre os dois sexos. A mulher é criada depois, de e para o homem. Daqui resulta uma dependência ontológica, biológica e sociológica da mulher e - o que é ainda mais grave - uma concepção de que só o ser humano masculino é teomórfico (tem a forma, a imagem de Deus). Esta tipologia, com a sua extensão em toda a teologia posterior, estabelece aquilo a que Borresen chama “sexologia teológica”³.

Elizabeth A. Johnson reconhece que falar sobre Deus molda e orienta a vida, não só das comunidades de fé, mas de toda a comunidade social e dos seus membros. O que podemos dizer sobre Deus não é neutro, mas tem os seus efeitos positivos ou negativos na sociedade. O discurso patriarcal e androcêntrico sobre Deus promoveu uma exclusão generalizada das mulheres da esfera pública; e uma subordinação das mulheres à imaginação e às necessidades de um mundo concebido principalmente por homens. Elizabeth Johnson argumenta que, na Igreja, essa exclusão ocorre em todas as áreas: nos credos, nas doutrinas, nas orações, nos sistemas teológicos, nas liturgias, nos padrões espirituais, nas visões de missão e na ordem, na liderança e disciplina da Igreja.⁴

3 BORRESEN, Kari Elizabeth. Fundamentos antropológicos da relação entre o homem e a mulher na teologia clássica. **Revista Concilium**, Petrópolis, n. 111-115, p. 18-29, 1976.

4 JOHNSON, Elizabeth. **Aquela que é**: o mistério de Deus no

Enquanto as mulheres teólogas europeias construíram o seu pensamento segundo as linhas das teólogas americanas em alguns aspectos e se tornaram independentes delas em outros, a teologia feminista na América Latina tinha outras características. Nasceu por volta de 1968, quando a conferência de Medellín releu o inesperado sopro primaveril do Concílio Vaticano II na chave da inseparabilidade entre o anúncio evangélico e a luta pela justiça.

Os três marcos de Medellín – a constatação de que evangelizar na América Latina implicaria a inclusão da dimensão da opressão e da injustiça presentes no continente; a reflexão teológica sobre a fé tornando-se inseparável da análise da realidade atravessada pela injustiça; a aglutinação das bases comunitárias que leem a conflitualidade da vida à luz da Escritura para produzir novos fatos transformadores – abriram caminhos e portas para que a elaboração do discurso teológico encontrasse um novo sujeito como ponto de partida: os pobres e marginalizados do continente.

Assim, nos anos 70, as mulheres latino-americanas começaram a aventurar-se nos meandros do trabalho teológico com base na forte interpelação dos pobres e na opção por eles que tomava forma na Igreja latino-americana. Em parte, seus olhos e ouvidos estavam voltados para as suas irmãs do Norte que abriam a discussão sobre a possibilidade de pensar e falar “para além de Deus Pai” e do patriarcalismo dominante na teologia. Viam nisso um forte e belo desafio para começar uma teologia que as incluísse como produtoras e não apenas como consumidoras. No entanto, o nascimento de uma teologia latino-americana a partir da perspectiva das mulheres é inseparável da opção pelos pobres trabalho teológico feminino. Petrópolis: Vozes, 1995.

e é constitutivo de sua configuração. Foi assim que começou a surgir uma nova solidariedade na América Latina: a das mulheres teólogas com as mulheres pobres da base. As primeiras se autocompreendiam como porta-vozes das segundas e responsáveis pela recuperação dos seus direitos.

Como resultado, houve uma disposição para repensar todos os grandes temas teológicos do ponto de vista das mulheres. Buscava-se uma teologia com rosto, com alma, com configuração de mulher, uma perspectiva feminina da teologia, destacando a importância de redescobrir as expressões femininas de Deus. Este foi o início de um momento mais fértil e sólido de publicações de mulheres teólogas, que procuraram re-visitatar e repensar os grandes tratados de teologia dogmática e a própria Bíblia, a partir da sua experiência e dos seus sentimentos femininos.⁵

Por um lado, a teologia latino-americana das mulheres viu-se em dívida com a teologia feminista norte-americana, sem a qual não teria encontrado o caminho aberto para legitimar o seu itinerário. No entanto, também identificou uma distinção importante na sua forma e no seu conteúdo: não era principalmente movida pela luta pela igualdade e pelo conflito antitético contra o machismo. Pelo contrário, esforçou-se por construir um discurso inclusivo, onde a diferença de ser mulher era, desde o início, um fato constitutivo e integrante. Assim, o que estas mulheres da primeira hora da Igreja latino-americana queriam era “caminhar juntas” com os seus companheiros homens. Sem nomeá-lo como tal, ansiavam por uma Igreja sinodal.

5 Cf. TEPEDINO, Ana Maria. **As discípulas de Jesus**. São Paulo: Paulinas, 1989. Igualmente cf. BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **O segredo feminino do mistério**. Petrópolis: Vozes, 1991.

A forma de nomear essa etapa do processo evitou a palavra “feminismo” ou “feminista” para se distanciar do tom vingativo e antagônico da teologia produzida em outras partes do mundo. A preferência recaiu sobre expressões como “teologia do ponto de vista da mulher” ou “teologia feita por mulheres” ou “teologia a partir de mulheres”.

As teses de doutoramento e os trabalhos acadêmicos de todo o tipo seguiam a mesma linha. No domínio da teologia sistemática, trabalhava-se sobre a relação de Jesus com as mulheres, o rosto materno de Deus Pai, o pensamento de uma Igreja inclusiva que veja as mulheres como produtoras de bens simbólicos e não como consumidoras passivas. Uma Igreja alegre e participativa.

Esse modo de fazer teologia permanece até hoje e não está isolado do trabalho teológico das mulheres em todo o mundo. Encontra afinidades de formação com algumas teólogas europeias da mesma geração e transita entre os conceitos-chave de reciprocidade, unidualidade, relacionalidade, buscando sempre a interlocução com teólogos homens e com a comunidade teológica como um todo. A reivindicação deste tipo de teologia já não se alinhava com um feminismo inicial, cuja luta principal era pela igualdade dos direitos individuais, mas por um outro direito: o direito à diferença e à afirmação das mulheres como diferentes, desejando ser diferentes. Assim, essa teologia, em diálogo inclusive com trabalhos de mulheres de outras áreas do conhecimento, enfatiza a identidade da mulher como “outra”, “diferente” do homem, e que quer continuar assim, inclusive no modo de sentir e pensar Deus, produzindo uma teologia diferente da do feminismo de

primeira hora, que se entendia mais na dependência da teologia feita a partir do paradigma da igualdade.

Com o passar dos anos e a crise da Teologia da Libertação, durante os longos anos do pontificado de João Paulo II (1978-2005), tornou-se claro para as novas gerações de teólogas que já não era possível uma teologia de retalhos, de reciclagem do velho, sem fazer nascer o novo que ansiava por vir à luz. A teologia feminista, que já não temia chamar-se por esse nome, procurava levantar questões fundamentais que desafiavam a própria estrutura do pensamento teológico desenvolvido até então. Já não se tratava de uma teologia do ponto de vista ou da perspectiva das mulheres, que devia ser apresentada como um complemento ou como um capítulo à parte da teologia oficial, o que até então tinha sido feito por teólogos homens. Seria e é um questionamento fundamental de toda a teologia dominante, reconhecida como patriarcal e sexista. E as mulheres teólogas quiseram dialogar com seus pares masculinos nesta etapa e caminhar ao lado deles, sem medo de enfrentar questões fundamentais.

Foi assim que as teólogas latino-americanas se dispuseram a dialogar com autores que consagraram novos métodos de trabalhar com a Bíblia, com a Revelação, com o dogma. E, acima de tudo, seguiram os passos da sua própria filiação principal – a Teologia da Libertação (TdL). Enquanto a TdL alargava o leque dos seus interesses a outros temas que não os estritamente socioeconômico-políticos e começava a trabalhar a ecologia, a cultura, a crise da modernidade, o gênero, a raça e a etnia, a teologia feminista latino-americana encontrou na perspectiva do gênero um ângulo mais adequado para construir a sua reflexão e o seu discurs-

so. Por outras palavras, a perspectiva de inclusão dos que estão à margem da sociedade e do progresso não se perderia de forma alguma. Pelo contrário, esta questão continuou, talvez mais do que nunca, a desafiar e a questionar a teologia. Os pobres que constituíam os sujeitos teológicos por excelência da teologia latino-americana nas décadas de 1970 e 1980 passaram a ser identificados como “excluídos”. Mas os “excluídos” de qualquer benefício trazido pelo progresso e pelo bem-estar tinham e têm agora rostos mais diversificados do que antes e formam um mosaico de riqueza muito maior e mais complexo que, por sua vez, desafia a teologia em múltiplas direções. E entre estes rostos de excluídos estava e está o das mulheres.

Ivone Gebara, uma das grandes responsáveis pelas elaborações desta nova etapa, afirmará que “a TdL, que oferece uma visão mais coletiva de Deus e sublinha a natureza social do pecado, não alterou a antropologia e a cosmologia patriarcais em que se baseia o cristianismo”.⁶ Com isto, entendemos que a autora quer dizer que a luta pela libertação socioeconômico-política, com a qual a TdL pretendeu colaborar com o contribuição de uma palavra específica e diferente, não contemplou nem atingiu com seus esforços outras exclusões, igualmente necessitadas de libertação, como a opressão das mulheres, a exclusão sexual e de gênero, bem como as exclusões raciais e étnicas.

É, portanto, necessário um novo passo, um salto qualitativo noutra direção, para alcançar a libertação pela qual metade da humanidade espera. É assim que Ivone Gebara definirá o salto que a teologia feminista

6 GEBARA, Ivone. Teologia cósmica: ecofeminismo e panenteísmo. **Folha Mulher, Projeto Sofia: Mulher, Teologia e Cidadania**. Rio de Janeiro: ISER, n. 8, ano IV, 1994.

está disposta a dar: “falar de Deus e da questão do gênero é fazer uma dupla afirmação: primeiro, é afirmar que aquilo que dizemos de Deus está ligado às nossas experiências históricas, à nossa experiência; depois, que a nossa própria ideia de Deus, bem como a nossa relação com ele ou com o seu mistério, está marcada por aquilo a que chamamos a “construção social e cultural do gênero”.⁷

Foi assim que as lutas mais propriamente feministas, tão presentes na teologia do primeiro mundo, e na América Latina no campo das ciências sociais e humanas, começaram a interessar também aos teólogos. Temas como a corporeidade, a sexualidade, a moralidade, com todas as suas questões candentes e delicadas sobre os direitos reprodutivos e tudo o que diz respeito à moral cristã em termos do mistério do corpo humano, suas funções, sua vocação, seu mistério criado por Deus, passaram a fazer parte da agenda da teologia feminista latino-americana. Neste domínio, há que reconhecer que as teólogas protestantes deram mais passos do que as teólogas católicas. Isso se deve, sem dúvida, à estrutura eclesial nos meios evangélicos, que é bem diferente daquele presente nos meios católicos.

Há também toda a abertura do espaço ecofeminista, que é assumido em nível continental. Na América Latina ainda são poucas as teólogas que têm uma produção digna de nota em chave ecofeminista.⁸ No entanto, a abertura e a atenção a essa nova área interdisciplinar de reflexão permitiram que a teologia feminista latino-americana dialogasse com toda a reflexão

⁷ GEBARA, Ivone. Teologia cósmica: ecofeminismo e panenteísmo. **Folha Mulher, Projeto Sofia: Mulher, Teologia e Cidadania**. Rio de Janeiro : ISER, n. 8, ano IV, 1994.

⁸ GEBARA, Ivone. **Teologia ecofeminista**. São Paulo: Olho d'água, 2008.

ambiental, ou seja, com a filosofia, as ciências sociais, o direito ambiental etc. Sem dúvida, é uma área que promete um grande crescimento para o futuro. Toda a reflexão sobre a ecologia em termos de direitos da terra e da natureza anda de mãos dadas com a reflexão sobre os direitos das mulheres como uma forma de opressão ainda vigente e presente na sociedade e na Igreja. Na medida em que o ecofeminismo significa o fim de todas as formas de dominação, a teologia não pode ser deixada de fora e, nela, a teologia feminista, que continua a ser feita em chave de libertação de todas as formas de opressão e de luta pelos direitos não respeitados. Entre as questões deste novo momento do pensamento teológico sobre o feminino, a questão do corpo é central.

O CRISTIANISMO E O CORPO FEMININO

A reflexão teológica sobre o corpo feminino sexualizado é e deve ser sempre um tema importante não só para a teologia feminista e para a reflexão sobre o gênero no trabalho teológico. Num mundo em que a corporeidade visível é predominantemente masculina, a mulher entra como um elemento perturbador. E essa “perturbação” ocorre, mais do que qualquer outra coisa, através da sua corporeidade que, sendo “outra” do que a do homem, expressa e aponta a experiência de Deus, o pensar e o falar sobre Deus de uma forma diferente e própria. O corpo feminino é a condição de possibilidade do modo como as mulheres se tornam uma interpelação importante quando se fala de espiritualidade, mística e teologia. Este corpo tem sido muitas vezes a fonte da discriminação que as próprias mulheres sofreram e continuam a sofrer na Igreja.

A reflexão teológica sobre este tema mostra que uma das mais importantes fontes de discriminação contra as mulheres na Igreja parece ser algo mais profundo e muito mais grave do que simplesmente a força física, a formação intelectual ou a capacidade de trabalho. A Igreja continua a ser muito fortemente patriarcal. E o patriarcalismo sublinha a superioridade dos homens não apenas numa base intelectual ou prática, mas naquilo a que chamaríamos de uma base ontológica. Por outras palavras, as mulheres são discriminadas por sua própria identidade e sua própria constituição corporal. E isso não é privilégio do cristianismo, mas de muitas religiões.

No marco desta discriminação corporal, existe ainda uma forte associação em nível teológico com o fato de as mulheres serem consideradas responsáveis pela entrada do pecado no mundo e pela morte como consequência do pecado. Este fato, que chegou a ser denunciado oficialmente pelo Papa João Paulo II na carta apostólica *Mulieris dignitatem*, continua a ser o cerne de grande parte da situação das mulheres na Igreja. Por esta razão, as experiências místicas de muitas mulheres foram frequentemente vistas com desconfiança e suspeita, com uma vigilância severa e rigorosa por parte dos homens encarregados de as controlar e exorcizar. Muitas experiências místicas riquíssimas de mulheres verdadeiramente agraciadas por Deus com comunicações espirituais bastante íntimas permaneceram ignoradas num universo onde os meios de difusão permanecem nas mãos de poucos e onde casos como o de Teresa de Ávila são as exceções que confirmam a regra.

Ao longo da história da Igreja, as mulheres foram

mantidas a uma distância prudente do sagrado e de tudo o que o rodeia, bem como da liturgia, dos objetos e espaços rituais e da mediação direta com Deus. Apesar de todos os avanços e progressos registrados na participação das mulheres em muitos níveis da vida eclesial, continua a pairar sobre elas o estigma de sedutoras e inspiradoras de medo, fonte de pecado para a castidade dos homens e o celibato do clero. Entre a mulher e o mistério, uma harmonia em termos de “alta” mística, de experiências mais profundas de Deus, foi difícil e raramente reconhecida e legitimada, deixando-a mais no campo das devoções menores e menos importantes.

Este é um fato terrível, que exige uma reflexão muito séria no seio da Igreja. Com efeito, se é possível lutar contra a discriminação intelectual (pelo acesso aos estudos e à formação), contra a injustiça profissional (tentando mostrar capacidades e especializando-se), o que fazer com a própria corporeidade? Deve-se negá-la? Evitá-la? Ignorá-la na sua diferença enriquecedora?

Esta é a situação que o sínodo pretende olhar de frente quando propõe uma maior reciprocidade entre homens e mulheres. Para isso, o que o mesmo Sínodo está propondo: os elementos mais importantes apontam nesta direção: escuta, conversação no Espírito. Igualmente transparência com relação às questões financeiras e as complexas questões sexuais onde se inclui o abuso inclusive de mulheres. Todo o processo sinodal, passando por estes instrumentos, vai em direção a um discernimento, que ajuda na tomada de decisões.

OS DEBATES E AS PROPOSTAS SINODAIS

Documentos emanados dos grupos de trabalho do Sínodo, sobretudo o *Instrumentum laboris*, identificam a existência de uma falta de participação de tantos membros do Povo de Deus neste caminho de renovação eclesial e uma certa incapacidade da Igreja de viver mais plenamente uma sã relacionalidade entre homens e mulheres, entre gerações, e entre pessoas e grupos de diferentes identidades culturais e condições sociais, especialmente os pobres e excluídos. Esta fraqueza na reciprocidade, na participação e na comunhão continua a ser um obstáculo a uma plena renovação da Igreja em sentido sinodal e missionário.

O *Instrumentum laboris* para a sessão II do Sínodo sobre a Sinodalidade convida e convoca a uma reciprocidade para a corresponsabilidade. Reconhece que as mulheres de hoje têm muitas possibilidades de participação na Igreja, exceto no ministério ordenado. No entanto, também notam que estas possibilidades de participação não são frequentemente utilizadas, apesar do fato de as mulheres serem a maioria dos que frequentam as paróquias.⁹

“Neste sentido, a primeira mudança que se constata como devendo ser feita é a da mentalidade: uma conversão a uma visão de interdependência relacional e reciprocidade entre mulheres e homens, como irmãos e irmãs em Cristo numa única família. É a comunhão, a participação e a missão da Igreja que sofrerão as consequências de uma não conversão das relações das estruturas: “uma Igreja em que todos os membros se sintam corresponsáveis é também um lugar atrativo e

⁹ *Instrumentum laboris*, n. 20. Disponível em: <https://encurtador.com.br/NOBqu>. Acesso em: 8 ago. 2024.

credível”.¹⁰

A proposta sinodal recorda o testemunho da Sagrada Escritura, em que as mulheres aparecem como as primeiras testemunhas da ressurreição. Relembra sua condição de membros plenos da Igreja devido ao batismo que receberam. E acrescenta: “a perspectiva sinodal destaca três pontos de referência teológicos. Primeiro, a questão da participação está enraizada no discernimento das implicações eclesiológicas do batismo. Em segundo lugar, somos uma comunhão de pessoas batizadas chamadas não a enterrar os nossos talentos, mas a reconhecer os dons que o Espírito derrama sobre cada um para o bem da comunidade e do mundo. Por fim, como observa o Vaticano II, no respeito da vocação e dos dons de cada um, os fiéis estão ordenados uns aos outros, e a colaboração de todos os batizados deve ser praticada em chave de corresponsabilidade.”¹¹

O caminho de conversão sinodal implicará um novo modo de pensar e de organizar a ação pastoral, que considere a participação de todos os batizados, homens e mulheres, na missão da Igreja, visando em particular fazer emergir, reconhecer e animar os diversos carismas e ministérios batismais.

O objetivo da formação na perspectiva da sinodalidade missionária é, segundo as propostas sinodais, que haja testemunhas, homens e mulheres capazes de assumir a missão em corresponsabilidade e cooperação com a força do Espírito (At 1,8). A formação terá, portanto, como base o dinamismo da iniciação cristã, com o objetivo de promover a experiência pessoal de cada um e cada uma. Além disso, relembra o Sínodo que o 10 Conferência Episcopal de Cuba citado em *Instrumentum laboris*, n. 21.

¹¹ *Instrumentum laboris*, n. 22.

sujeito da missão é sempre a Igreja, e cada um dos seus membros, homem ou mulher, é testemunha e anunciador da salvação em razão dessa pertença.

Está presente igualmente a insistência sobre a necessidade de uma formação comum e partilhada, na qual participem juntos homens e mulheres de todos os estados de vida, permitindo-lhes, com isso, crescer no conhecimento e na estima recíproca e na capacidade de colaborar uns com os outros.

Recomenda-se igualmente que deve ser dada uma atenção especial às formas de participação das mulheres nos programas de formação, assim como seu acesso a funções de ensino e de formação nas faculdades e institutos teológicos e nos seminários.

E afirma igualmente o *Instrumentum laboris*¹² que

[...] partindo do velho princípio de que “o que diz respeito a todos, deve ser tratado e aprovado por todos” (*Quod omnes tangit ab omnibus tractari et approbari debet*), é fundamental promover a ampla participação de todos os membros da comunidade, homens e mulheres, nos processos de discernimento, com especial atenção ao envolvimento dos que estão à margem da comunidade e da sociedade (IL, 60).

CONCLUSÃO: SER PARCEIROS NO MESMO CAMINHO

A imagem divina encontra-se tanto nas mulheres como nos homens. Se o Deus em quem acreditamos pode ser percebido como tendo características e formas de comportamento e de ação tanto masculinas como femininas, então para descrever Deus será 12 XVI Assembleia Geral Ordinária do Sinodo dos Bispos. Como ser Igreja sinodal missionária. *Instrumentum laboris* para a Segunda Sessão (outubro de 2024), 2024.

sempre, e cada vez mais, necessário utilizar palavras, metáforas e imagens que são masculinas e femininas. Se as mulheres, assim como os homens, são teomorfos, isto é, feitos à imagem de Deus, é imperativo que esse Deus, de quem ambos são imagens, não seja descrito ou pensado como simplesmente andromórfico, mas como antropomórfico. Esta será a única forma possível de o conceber e descrever como teomórfico. Sabemos que teremos de nos debater com a pobreza da linguagem humana, limitada para exprimir a majestade e a inefabilidade do divino. Entretanto, tentamos fazer da combinação dos dois símbolos, das duas linguagens e das duas metáforas, masculina e feminina, uma melhor aproximação do divino. E para isso o paradigma trinitário mostra-se como um caminho fecundo.

A fé trinitária pode certamente trazer um precioso contributo para este regresso à casa paterna que o ser humano do século XXI tanto anseia, embora muitas vezes sem o saber ou sem o nomear. Para que isso aconteça, é necessário que mulheres e homens se entendam como parceiros de um mesmo caminho, respeitando-nos uns aos outros nas suas diferenças e por causa delas. Só assim será possível construir um mundo mais humano para todos. E de uma Igreja mais centrada no encontro, na comunidade e no amor. Em suma, mais de acordo com o sonho de Deus de que os diferentes caminhem juntos anunciando uma verdade sinfônica e uma unidade plural.

Caminhar juntos é o caminho constitutivo da Igreja porque é a condição para seguir Jesus e anunciar o seu Evangelho nestes tempos feridos e magoados. Mulheres e homens caminhando juntos revelam o verdadeiro rosto do Deus que Jesus de Nazaré ensinou aos seus



contemporâneos a chamar de Pai e que o Espírito do Ressuscitado ensina que é Pai e Mãe. Aqui podemos experimentar o verdadeiro espírito de sinodalidade, tão importante e característico da Igreja de hoje.

Maria Clara Lucchetti Bingemer



Maria Clara Lucchetti Bingemer. Possui graduação em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) (1975), mestrado em Teologia pela mesma instituição (1985) e doutorado em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana (1989). É professora titular no Departamento de Teologia da PUC-Rio, onde dirigiu o Centro Loyola de Fé e Cultura por dez anos. Durante quatro anos foi avaliadora de programas de pós-graduação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Durante seis anos foi decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia Sistemática, atuando nos seguintes temas: Deus, alteridade, mulher, violência e espiritualidade. Tem pesquisado e publicado nos últimos anos sobre o pensamento da filósofa francesa Simone Weil. Atualmente seus estudos e pesquisas vão primordialmente na direção do pensamento e dos escritos de místicos contemporâneos e da interface entre Teologia e Literatura.



CADERNOS DE TEOLOGIA PÚBLICA

- N. 1 Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI – Johan Konings, SJ
- N. 2 Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista – Maria Clara Bingemer
- N. 3 A Teologia e a Origem da Universidade – Martin N. Dreher
- N. 4 No Quarentenário do Lumen Gentium – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
- N. 5 Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner – Érico João Hammes
- N. 6 Teologia e Diálogo Inter-Religioso – Cleusa Maria Andreatta
- N. 7 Transformações recentes e perspectivas de futuro para a ética teológica – José Roque Junges, SJ
- N. 8 Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- N. 9 Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões – Rudolf Eduard von Sinner
- N. 10 O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso – Michael Amalados, SJ
- N. 11 A teologia em situação de pós-modernidade – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- N. 12 Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- N. 13 Teologia e Ciências Sociais – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- N. 14 Teologia e Bioética – Santiago Roldán García
- N. 15 Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos – David Eduardo Lara Corredor
- N. 16 Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento – João Batista Libânio, SJ
- N. 17 Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 18 Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II – Paulo Suess
- N. 19 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 1ª parte – Manfred Zeuch
- N. 20 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 2ª parte – Manfred Zeuch
- N. 21 Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo – Karl-Josef Kuschel
- N. 22 Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs – Jacques Arnould
- N. 23 Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 24 O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica – Walter Ferreira Salles
- N. 25 A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 Música e Teologia em Johann Sebastian Bach – Christoph Theobald
- N. 28 Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino – Ana Maria Formoso
- N. 30 Espiritualidade e respeito à diversidade – Juan José Tamayo-Acosta



- N. 31 A moral após o individualismo: a anarquia dos valores – Paul Valadier
- N. 32 Ética, alteridade e transcendência – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 Religiões mundiais e Ethos Mundial – Hans Küng
- N. 34 O Deus vivo nas vozes das mulheres – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois – Joseph Comblin
- N. 37 Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla – João Batista Libâneo
- N. 38 O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas – Peter C. Phan
- N. 39 Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo – Paulo Suess
- N. 40 Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha – Benedito Ferraro
- N. 41 Espiritualidade cristã na pós-modernidade – Ildo Perondi
- N. 42 Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta – Ildo Perondi
- N. 43 A Cristologia das Conferências do Celam – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 A origem da vida – Hans Küng
- N. 45 Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga – Maria Cristina Giani
- N. 46 Ciência e Espiritualidade – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana – Antônio Cechin
- N. 48 Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff – Águeda Bichels
- N. 49 Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 “Ite, missa est!”: A Eucaristia como compromisso para a missão – Cesare Giraudo, SJ
- N. 51 O Deus vivo em perspectiva cósmica – Elisabeth A. Johnson
- N. 52 Eucaristia e Ecologia – Denis Edwards
- N. 53 Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje – José A. Zamora
- N. 54 Mater et Magistra – 50 Anos – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo
- N. 55 São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I – Daniel Marguerat
- N. 56 Igreja Introversa: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum” – Andrea Grillo
- N. 57 Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã – Elisabeth A. Johnson
- N. 58 As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo – Christoph Theobald
- N. 59 Deus e a criação em uma era científica – William R. Stoeger
- N. 60 Razão e fé em tempos de pós-modernidade – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 61 Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura – Karl-Josef Kuschel
- N. 62 Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição – Luigi Perissinotto
- N. 63 A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico – Felix Wilfred



- N. 64 Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea – François Euvé
- N. 65 O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade – Marco Lucchesi
- N. 66 Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno – Mary E. Hunt
- N. 67 Silêncio do deserto, silêncio de Deus – Alexander Nava
- N. 68 Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites – Jean-Louis Schlegel
- N. 69 (Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual – Deislando Nóbrega de Lima
- N. 70 Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet – Moisés Sbardelotto
- N. 71 Rumo a uma nova configuração eclesial – Mario de França Miranda
- N. 72 Crise da racionalidade, crise da religião – Paul Valadier
- N. 73 O Mistério da Igreja na era das mídias digitais – Antonio Spadaro
- N. 74 O seguimento de Cristo numa era científica – Roger Haight
- N. 75 O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa – Peter C. Phan
- N. 76 50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro – José Maria Vigil
- N. 77 As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja – Christoph Theobald
- N. 78 As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã – George V. Coyne
- N. 79 Papa Francisco no Brasil – alguns olhares
- N. 80 A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades – André Wénin
- N. 81 Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II – Victor Codina
- N. 82 O lugar da mulher nos escritos de Paulo – Eduardo de la Serna
- N. 83 A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel – Élcio Verçosa Filho
- N. 84 O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota” – Renato Ferreira Machado
- N. 85 Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica – Alexandra Lima da Silva & Rhaissa Marques Botelho Lobo
- N. 86 Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II – Peter C. Phan
- N. 87 O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25 – André Wénin
- N. 88 Política e perversão: Paulo segundo Žižek – Adam Kotsko
- N. 89 O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39 – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher
- N. 90 A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer – John W. O’Malley
- N. 91 Religiões brasileiras no exterior e missão reversa – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Carmen Sílvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vázquez e Ushí Arakaki
- N. 92 A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek – Adam Kotsko
- N. 93 O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas – José Oscar Beozzo
- N. 94 Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco – John O’Malley
- N. 95 “Gaudium et Spes” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente – Massimo Faggioli



- N. 96 As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral
- N. 97 500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas – Vítor Westhelle
- N. 98 O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja – No centro da experiência: a leitura, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo – Gilles Routhier
- N. 99 Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição *Gaudium et Spes* – Geraldo Luiz De Mori
- N. 100 O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da *Gaudium et Spes* – Afonso Murad
- N. 101 Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo – Elias Wolff
- N. 102 A Constituição Dogmática *Dei Verbum* e o Concílio Vaticano II – Flávio Martinez de Oliveira
- N. 103 O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje! – Emerson Sbardelotti Tavares
- N. 104 A exortação apostólica *Evangelii Gaudium*: Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II – Christoph Theobald
- N. 105 Misericórdia, Amor, Bondade: A Misericórdia que Deus quer – Ney Brasil Pereira
- N. 106 Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II: As Novas Comunidades como uma forma de autorrealização da Igreja – Rejane Maria Dias de Castro Bins
- N. 107 O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia – Antonio Manzatto
- N. 108 Morte como descanso eterno – Luís Inácio João Stadelmann
- N. 109 Cuidado da Criação e Justiça Ecológica-Climática. Uma perspectiva teológica e ecumênica – Guillermo Kerber
- N. 110 A Encíclica *Laudato Si'* e os animais – Gilmar Zampieri
- N. 111 O vínculo conjugal na sociedade aberta. Repensamentos à luz de *Dignitatis Humanae* e *Amoris Laetitia* – Andrea Grillo
- N. 112 O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco – Christoph Theobald
- N. 113 Lutero, Justiça Social e Poder Político: Aproximações teológicas a partir de alguns de seus escritos – Roberto E. Zwetsch
- N. 114 *Laudato Si'*, o pensamento de Morin e a complexidade da realidade – Giuseppe Fumarco
- N. 115 A condição paradoxal do perdão e da misericórdia. Desdobramentos éticos e implicações políticas – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 116 A Igreja em um contexto de “Reforma digital”: rumo a um *sensus fidelium* digitalis? Moisés Sbardelotto
- N. 117 *Laudato Si'* e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma convergência? – Gaël Giraud e Philippe Orliange
- N. 118 Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas – Ildo Perondi e Fabrizio Zandonadi Catenassi
- N. 119 A constituição da Dignidade Humana: aportes para uma discussão pós-metafísica – Thyeles Moratti Precilio Borcarte Strelhow
- N. 120 Renovação do espaço público: pentecostalismo e missão em perspectiva política – Amos Yong
- N. 121 Viver as Bem-aventuranças numa Igreja em saída – Tea Frigerio
- N. 122 Ser e Agir, o Reino e a Glória: a *Oikonomia* Trinitária e a bipolaridade da máquina governamental – Colby Dickinson
- N. 123 A sensibilidade religiosa de Thoreau – Edward F. Mooney
- N. 124 Diáconas na Igreja Maronita – Phyllis Zagano
- N. 125 Comportamentos normatizados e a noção de profanação: uma reflexão em Giorgio Agamben – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 126 Teologalidade das resistências e lutas populares – Francisco de Aquino Júnior

- N. 127 A glória como arcano central do poder e os vínculos entre oikonomia, governo e gestão - Colby Dickinson
- N. 128 O Princípio Pluralista - Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 129 Deus e o Diabo na política: compaixão e vocação profética - Ivone Gebara
- N. 130 Deslocamentos genealógicos da economia teológica segundo Agamben - Joel De-cothé Junior
- N. 131 A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval - Gerson Leite de Moraes e Daniel Nagao Menezes
- N. 132 O pensamento de Jorge Mario Bergoglio. Os desafios da Igreja no mundo contemporâneo - Massimo Borghesi
- N. 133 Os documentos eclesiais pós-sinodais "Familiaris Consortio" de Wojtyła e "Amoris Laetitia" de Bergoglio como respostas aos desafios da pastoral matrimonial - José Roque Junges
- N. 134 A universalidade e o (não) lugar político da Igreja no mundo de hoje. A eclesiologia da globalização de Francisco - Massimo Faggioli
- N. 135 A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento - Juan Carlos Scannone S.I.
- N. 136 Amoris Laetitia: aspectos antropológicos e metodológicos e suas implicações para a teologia moral - Todd A. Salzman e Michael G. Lawler
- N. 137 A Teologia da Missão à luz da Exortação Apostólica Evangelii gaudium - Paulo Suess
- N. 138 O pontificado de Francisco e o laicato na missão da Igreja hoje. Avanços e impasses da "parrésia eclesial" - Andrea Grillo
- N. 139 A Opção de Francisco: como evangelizar um mundo em mudança? - Austen Ivereigh
- N. 140 A liturgia, 50 anos depois do Concílio Vaticano II: marcos, desafios, perspectivas - Andrea Grillo
- N. 141 Franciscus non cantat: Um discurso, alguns percursos e ressonâncias acerca da música litúrgica pós-conciliar - Márcio Antônio de Almeida
- N. 142 Para além do limiar do Templo: apontamentos éticos para uma pastoral em modo on-line - Thiago Isaias Nóbrega de Lucena e José Joanees Souza Oliveira
- N. 143 A Conversão de Agostinho de Hipona, interpretada em reflexões sobre a expressão Intelligite Ut Credas - Orlando Polidoro Junior
- N. 144 Teologia Pública e Práxis Pastoral: considerações em vista de uma Pastoral Pública - Luis Carlos Dalla Rosa
- N. 145 O debate sobre o princípio pluralista: um balanço das reflexões sobre o princípio pluralista e suas aplicações - Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 146 Juventudes e vivência ecumênica - Rosemary Fernandes da Costa
- N. 147 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte I - O fim de um mundo? - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 148 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte II - As dores do parto - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 149 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte III - Vinho novo, odres novos - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 150 O Papa Francisco, a Igreja e a ética teológica. Alguma coisa mudou? - Michael G. Lawler e Todd A. Salzman
- N. 151 Igreja em saída para as periferias sociais e existenciais. O problema espiritual da missão - Rogério L. Zanini
- N. 152 Fratelli Tutti: um guia de leitura - Gilmar Zampieri
- N. 153 A Igreja e as uniões do mesmo sexo: O Responsum e suas implicações pastorais - Michael G. Lawler e Todd A. Salzman
- N. 154 A Igreja e a união de pessoas do mesmo sexo: O Responsum e a possibilidade de novas abordagens - Andrea Grillo



- N. 155 Gustavo Gutierrez: servidor dos pequenos e teólogo da libertação - José Oscar Beozzo
- N. 156 O ensino moral da Igreja no pontificado do Papa Francisco: avanços, desafios e perspectivas - Todd A. Salzman e Michael G. Lawler
- N. 157 Razão pública e sociedade pós-secular: o diálogo entre cidadãos religiosos e secularizados no pensamento de Jürgen Habermas - Emerson Silva
- N. 158 Valores cristãos, valores seculares e por que eles precisarão um do outro na década de 2020 - Alec Ryrie
- N. 159 O grito de abandono de Jesus na cruz e o silêncio de Deus: reflexões à luz do Evangelho de Marcos - Junior Vasconcelos do Amaral
- N. 160 O pós-teísmo como superação dialética do teísmo - Santiago Villamayor
- N. 161 A fé cristã na ressurreição e a crise da linguagem religiosa na pós-modernidade - Ferdinando Sudati
- N. 162 O rio e a cisterna. Superar permanentemente toda forma de teísmo - Paolo Scquizzato
- N. 163 Diante de um cristianismo moribundo, a proposta de um cristianismo adulto: um olhar sobre o pós-teísmo - Beatrice Iacopini
- N. 164 “*Gloria Victis – ainda que tarde!*” Pelo reconhecimento de santidade de São Sepé Tiaraju - Luiz Carlos Susin
- N. 165 O Sínodo da Amazônia, Querida Amazonia e as mulheres - Phyllis Zagano
- N. 166 O cristianismo e a revelação de Deus em tempos de irrelevância cristã - Francesco Cosentino
- N. 167 O magistério do Papa Francisco em tempos de guerra - Andreas Gonçalves Lind
- N. 168 Thomas Merton, leitor de Sigmund Freud e Carl Jung - Nilson Perissé
- N. 169 Meu Cristo Mutilado. Fundamento de minhas esperanças - Pedro Gilberto Gomes
- N. 170 A “Opção Francisco” e o caminho da sinodalidade - Phyllis Zagano
- N. 171 Uma realidade para além da vontade: Agostinho, IA e a vindicação da teofania - Jordan Joseph Wales
- N. 172 A Opção Francisco e a reforma da Igreja. Desafios e perspectivas - Massimo Faggioli
- N. 173 Diaconato feminino na história da Igreja - Guillermo Daniel Micheletti
- N. 174 Pensar a transformação missionária da Igreja a partir dos “fiéis não tão praticantes...” - Valérie Le Chevalier

 UNISINOS